



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

BÁRBARA DE OLIVEIRA RODRIGUES

ENTRELACES ENTRE EDUCAÇÃO POPULAR E FORMAÇÃO DE
PROFESSORES DE BIOLOGIA: O CASO DO PROJETO NOVO VESTIBULAR
(PNV), EM FORTALEZA-CE

FORTALEZA

2023

BÁRBARA DE OLIVEIRA RODRIGUES

ENTRELACES ENTRE EDUCAÇÃO POPULAR E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE
BIOLOGIA: O CASO DO PROJETO NOVO VESTIBULAR (PNV), EM FORTALEZA-CE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada
ao Curso de Ciências Biológicas da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciado em
Biologia.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Feitosa
Silva.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- R611e Rodrigues, Bárbara de Oliveira.
Entrelaces entre educação popular e formação de professores de Biologia : o caso do Projeto Novo Vestibular (PNV), em Fortaleza-CE / Bárbara de Oliveira Rodrigues. – 2023.
71 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva.
1. Cursinhos populares. 2. Formação docente. 3. Práticas pedagógicas. I. Título.

CDD 570

BÁRBARA DE OLIVEIRA RODRIGUES

ENTRELACES ENTRE EDUCAÇÃO POPULAR E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE
BIOLOGIA: O CASO DO PROJETO NOVO VESTIBULAR (PNV), EM FORTALEZA-CE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada
ao Curso de Ciências Biológicas da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciado em
Biologia.

Aprovada em: 29/11/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ronaldo de Sousa Almeida
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Pricila Cristina Marques Aragão
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha vó Edite de Oliveira Rodrigues e à
minha mãe Gláucia Maria Viana de Oliveira.

AGRADECIMENTOS

Quero entregar os primeiros agradecimentos desse trabalho as mesmas duas pessoas a quem o dedico, que é minha vó e minha mãe, que apesar de todas as diferenças entre nós, o cuidado sempre foi algo presente. Minha mãe sempre batalhou para que eu tivesse uma boa educação, inclusive abrindo mão de muitas coisas pra ela mesma, não tem nada no mundo que eu faça ou diga para retribuir isso. Minha vó sempre me quis ver formada, e eu concluo hoje graças a ela. Obrigada pelo apoio, pelo carinho e por deixar o ferrolho debaixo do portão aberto pra ficar mais fácil de eu abrir quando chegava do PNV mais de 22h da noite.

A minha tia Edilene por todo o apoio.

A mim mesma, acho que também mereço. Por ter continuado mesmo com vários motivos no meio do caminho para desistir. Me formar em Ciências Biológicas era o grande sonho da minha vida, e o caminho até aqui me permitiu ver que posso ter muitos outros.

Ao professor Roberto, por ter aceitado me orientar e por ter sido, na verdade, o meu primeiro orientador na graduação. O senhor é uma grande inspiração como pessoa e professor. Suas orientações desde o PIBID, até nas disciplinas sempre me marcaram de alguma forma. Perdão por não interagir tanto nas suas aulas, é o meu jeito, mas juro que presto atenção.

A professora Érika, por ter sido outra grande orientadora na graduação. Também uma grande inspiração como profissional e pessoa, obrigada pela paciência, competência, carinho e pelas cobranças/puxões de orelha, que também são importantes, nesses dois anos de PET. Obrigada também pelas lembrancinhas que sempre tinha o cuidado de trazer com tanto carinho para os “filhos petianos”.

Aos companheiros de PIBID, por terem participado desse primeiro processo formativo que foi tão importante pra mim.

Ao PET, por ter sido a minha casa na UFC (eu literalmente passava mais tempo no PET que em casa). Construí muitos momentos bons naquela salinha que vou levar comigo pra sempre. Sou grata a absolutamente todos que encontrei, conheci e trabalhei na vigência do projeto (foram dois anos, gente, vocês vão me perdoar por não citar um por um, né?).

Aos meus colegas de turma, antiga “AUTARQUIAS” e falecidos “Choppa calvo”, por terem realizado essa caminhada comigo, por terem trazido alegria em dias tão tristes que foi a pandemia nas poucas vezes que a gente ligava as câmeras nas aulas. E também pelas nossas festas no primeiro semestre lá no ICA (quem viveu aquele balde de 5L com uma bebida não identificada, viveu).

À Andressa, por ter sido a minha parceira de graduação. Ainda bem que fiz dupla contigo naquela semana zero...tem coisas na vida da gente que parece que é pra ser. Obrigada

por compartilhar comigo tantos momentos bons, e por estar ao meu lado nos ruins. Espero levar você pra vida e conseguir retribuir de alguma forma tudo que você já fez por mim. Você é uma pessoa incrivelmente foda.

Ao Carí e ao Dré, mais difícil do que saber como três pessoas tão diferentes formam o trio perfeito que somos, é achar algo que eu e o Carí estamos de acordo e saber como o Dré sempre chegava com um São Brás tão gelado nas calouradas.

A Letícia, por ter sido uma surpresa tão boa nesse caminho no curso. Não entendo como a gente não se aproximou antes, mas antes tarde do que nunca. E que bom que aconteceu, você foi um presente. Obrigada por tudo, especialmente por dividir esse momento final da graduação nos nossos “rolês de fazer TCC” na BECE. (Menção honrosa a Billie também, por sempre aparecer dando sugestões nos áudios de WhatsApp).

A todos os outros projetos que passei na graduação. As pessoas sempre me perguntavam como eu aguentava fazer tanta coisa ao mesmo tempo, e agora vou revelar: eu não aguentava, só faltei ficar doida. Mas faria tudo de novo.

Ao PNV, por ter sido um lugar de formação tão importante pra mim. Sou grata a todos que conheci nesses dois anos, professores, coordenadores e claro, meus alunos. Sem vocês esse trabalho nem existia. Obrigada pelas trocas, as conversas na sala dos professores, as reuniões, os nossos eventos... Que esse projeto lindo que marca todos que passam por ele ainda perdure por muitos anos. (e obrigada Talita pelo acompanhamento inicial e por me lembrar de colocar meu nome no quadro).

A todos os outros amigos da faculdade e fora dela que sempre me incentivaram e apoiaram (não vou citar um por um pra não esquecer e dar briga, mas obrigada) e a todas as pessoas que passaram pela minha vida e que marcaram e ajudaram a construir meu caminho até aqui, mesmo as que não estão mais, porque o movimento da vida é assim, por mais doloroso que às vezes seja. Estar aberta as mudanças e a inconclusão da vida é uma das maiores lições que a educação popular trouxe. A frase da epígrafe na próxima página não é à toa, apesar do medo das incertezas, que é natural da vida, estou muito animada para continuar seguindo nesse processo de busca.

“A alegria não chega apenas no encontro do
achado, mas faz parte do processo de busca.”
(Freire, 1996, p. 160)

RESUMO

Os Cursinhos Pré-vestibulares Populares (CPVP) surgiram no Brasil com o objetivo de democratizar o acesso ao ensino superior para a classe trabalhadora. Além de viabilizar esse acesso, são locais de formação que vão além do conteúdo propriamente dito, trazendo uma educação social e crítica, inspirada na pedagogia freiriana. Esses cursinhos constituem importantes locais de formação, não só para os alunos, mas também para os professores que tiveram a oportunidade de enriquecer a sua formação acadêmica e humana em diferentes aspectos. Dessa forma, o presente trabalho objetiva investigar as contribuições do Projeto Novo Vestibular (PNV), cursinho de caráter popular da Universidade Federal do Ceará (UFC), na formação de professores de Biologia que vivenciaram o projeto em diferentes períodos. A abordagem metodológica utilizada na pesquisa foi do tipo qualitativa, onde o método de coleta dos dados se deu através de entrevistas estruturadas, trazendo a narrativa de experiências educativas de professores de Biologia que já passaram pelo projeto, e o método de análise foi o de análise de conteúdo. Percebe-se, com a conclusão desse trabalho, que o PNV vem exercendo um papel importante na formação extracurricular de discentes dos mais diversos cursos da UFC, mas especialmente os de licenciatura. Além de ser, para muitos, uma experiência inicial como professor(a), acompanhando turmas durante um período, preparando e ministrando aulas, elaborando material didático, trabalhando a interdisciplinaridade e participando da própria gestão do projeto, o PNV também incentiva esses docentes a trabalharem seus conteúdos e a criarem relações com os alunos que contrapõem o ensino tradicional o qual estamos habituados, criando um ambiente horizontal, onde todos tem voz e vez, promovendo o pensamento crítico e incentivando a luta política. Teorizamos que nesses espaços a educação popular não seja trabalhada em sua plenitude, pela própria questão de tempo, realidade estrutural e financeira do projeto, e também pelo próprio objetivo do cursinho, que é preparar para os vestibulares, mas ainda assim o projeto vem sendo esse local de formação integrada que amplia a visão de mundo do professor e o faz construir a sua prática docente.

Palavras-chave: cursinhos populares; formação docente; práticas pedagógicas.

RESUMEN

Los cursos populares surgieron en Brasil con el objetivo audaz de democratizar el acceso a la educación superior para la clase trabajadora. Además de posibilitar este acceso, son lugares de formación que van más allá del contenido propio, trayendo una educación social y crítica, inspirada en la pedagogía de freiriana. Estos cursos constituyen importantes lugares de formación, no sólo para los estudiantes, sino también para los profesores que van a tener la oportunidad de enriquecer su formación académica y humana en diferentes aspectos. De esta forma, el presente trabajo tiene como objetivo investigar las contribuciones del “Projeto Novo Vestibular” (PNV), cursillo de carácter popular de la Universidad Federal de Ceará (UFC), en la formación de profesores de Biología que han pasado por el proyecto en diferentes períodos. El enfoque metodológico utilizado para la elaboración de la investigación fue el de análisis de contenido de las entrevistas de los profesores y de narrativa de experiencias educativas, constituyendo en mi relato de vivencia en el proyecto. Se entiende, con la conclusión de este trabajo, que el PNV ha desempeñado un papel importante en la formación extracurricular de alumnos de los más diversos cursos de la UFC, pero especialmente los de licenciatura. Además de ser, para muchos, una experiencia inicial como profesor(a), acompañando clases durante un período, preparando y dando clases, elaborando material didáctico, trabajando la interdisciplinaridad y participando de la propia gestión del proyecto, el PNV también anima a estos docentes a trabajar sus contenidos y a crear relaciones con los alumnos que van en la contra corriente de la enseñanza tradicional a la que estamos acostumbrados, creando un ambiente horizontal, donde todos tienen voz y vez, promoviendo el pensamiento crítico, e incentivando la lucha política. Puede ser que en estos espacios la educación popular no sea trabajada en su plenitud, por la propia cuestión de tiempo, realidad estructural y financiera del proyecto, y también por el propio objetivo del curso, que es preparar para los vestidores, pero sin embargo el proyecto ha sido ese lugar de formación integrada que amplía la visión de mundo del profesor y lo hace repensar su práctica docente.

Palabras clave: cursos populares; formación docente; prácticas pedagógicas.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. EDUCAÇÃO POPULAR.....	17
2.1 “A educação pública é educação popular?”	17
<i>2.1.1 Educação da sociedade primitiva</i>	<i>18</i>
<i>2.1.2 Educação popular como ensino público</i>	<i>19</i>
<i>2.1.3 Educação das classes populares e a educação libertadora</i>	<i>20</i>
3. CURSINHOS POPULARES	22
3.1 Cursinhos populares e a democratização do ensino no Brasil: Breve histórico	22
3.2 O Projeto Novo Vestibular	24
4. METODOLOGIA.....	26
4.1 Perfil dos entrevistados.....	27
4.2 Tratamento e análise dos dados	28
5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	29
5.1 Quem é o educador popular?	29
5.2 “Caminho se conhece andando”: minha trajetória até aqui.....	30
5.3 Quem veio antes: a formação docente de professores de Biologia na perspectiva da educação popular	35
<i>5.3.1 Escolha pelo curso de Ciências Biológicas e a modalidade licenciatura</i>	<i>36</i>
<i>5.3.2 Como chegou ao PNV</i>	<i>39</i>
<i>5.3.3 PNV como primeira experiência docente</i>	<i>40</i>
<i>5.3.4 Organização e rotina do projeto</i>	<i>42</i>
<i>5.3.5 Formações pedagógicas.....</i>	<i>48</i>
<i>5.3.6 Relações com os alunos</i>	<i>49</i>
<i>5.3.7 Contribuições do curso de graduação</i>	<i>51</i>
<i>5.3.8 Noção de educação popular antes do PNV</i>	<i>54</i>
<i>5.3.9 Noção de educação popular pós PNV</i>	<i>55</i>
<i>5.3.10 Atuação na docência e contribuições do PNV</i>	<i>58</i>
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62

REFERÊNCIAS	64
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e esclarecido.....	66
ANEXO B – Regimento Interno Projeto Novo Vestibular (2023)	68

1. INTRODUÇÃO

A Educação Popular é uma prática educativa que perpassou diversos momentos históricos e se ressignificou ao longo do tempo, constituindo um mosaico de teorias e práticas que tem como base que fundamenta o compromisso com os oprimidos e com a emancipação humana, além de trazer uma mudança na dinâmica professor-aluno que coloca o primeiro como detentor do saber e o segundo como um mero receptor desse conhecimento (Gadotti, 2007). Nesse contexto, os Cursinhos Populares, como Projeto Novo Vestibular (PNV) da Universidade Federal do Ceará (UFC), surgem no Brasil com o intuito de democratizar o acesso aos cursos de nível superior, além de trazerem uma proposta de prática educativa que estimula o pensamento crítico nos alunos e não os vê como sujeitos passivos no processo de aprendizagem (Regimento Interno PNV, 2023).

O ensino de Ciências e Biologia, assim como das diversas disciplinas do Ensino Básico, mas principalmente da área de Ciências da Natureza, são ainda extremamente conteudistas. A Biologia, apesar de ser uma disciplina que pode ser facilmente relacionada com o dia-a-dia dos alunos, é transmitida de uma forma descontextualizada dessa realidade e é bastante fragmentada em seus conteúdos. Parte disso se deve a ideia de neutralidade na ciência., o que impacta não só o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, mas a própria formação dos professores, visto que essa realidade se repete no ensino superior (Nascimento *et. al.*, 2006)

O ensino de ciências na escola vem assumindo historicamente uma perspectiva internalista na medida em que supervaloriza uma concepção de ciência de caráter neutro, o “método científico” empregado pelas ciências da natureza, os conteúdos específicos de cada disciplina e o papel do cientista como produtor isolado de conhecimentos sempre benéficos para a humanidade. Esse tipo de ensino não costuma contemplar temas da atualidade, desconsidera acontecimentos presentes na sociedade e aparenta não possuir muita utilidade social. (Nascimento *et. al.*, 2006, p.96)

O PNV apresenta uma proposta que fornece uma abertura para trabalhar o conteúdo da forma que o professor considerar mais adequada, mas incentivando os mesmo a sempre tentar despertar o pensamento crítico nos alunos e trazer para sala de aula um contexto que converse com a realidade deles, convidando-os para a construção do aprendizado, algo que não é muito comum em espaços de ensino, especialmente as escolas privadas. Dessa forma, o projeto desempenha um papel importante também na formação de professores, enquanto ainda estudantes de licenciatura, que vão ter oportunidade e a abertura de experienciar e utilizar

estratégias de ensino que fujam da abordagem tradicional, enriquecendo assim, o seu percurso formativo (Regimento interno PNV, 2023).

Meu interesse pelo tema surgiu da minha vivência no projeto, onde pude perceber uma melhora significativa da minha desenvoltura em sala de aula, e até mesmo em outros espaços que levassem o contexto do ensino, além de ter me despertado um olhar bem mais sensível e humano para a licenciatura. Então me surgiu a curiosidade de investigar de que forma o cursinho contribuiu e vem contribuindo na formação de professores, mais especificamente os de Biologia. Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é:

- **Analisar as contribuições do Projeto Novo Vestibular (PNV) para a formação de professores de Biologia sob a perspectiva da educação popular.**

Como objetivos específicos, busco:

- 1) Analisar as experiências vivenciadas por professores de Biologia que atuaram no projeto;
- 2) Narrar e analisar a minha trajetória docente à luz da educação popular no ensino de Biologia;
- 3) Evidenciar a perspectiva da educação popular para o ensino de Biologia no contexto do Projeto Novo Vestibular.

Como referencial teórico, para conceituar e traçar o histórico da educação popular utilizo os trabalhos realizados por Brandão (1989) e Gadotti (2007), ambos inspirados nas obras de Paulo Freire. Para traçar um breve histórico dos cursinhos populares no Brasil serão utilizados os trabalhos de Castro (2005), Serrano (2020), Zago (2008) e Mendes (2009) e as obras de Freire (2022) e Moretti *et. al.* (2014) para compreender as características de um educador popular.

O trabalho se estrutura em três partes, onde na primeira irei trazer um pouco sobre o histórico da Educação Popular no Brasil e suas várias definições ao longo do tempo, com foco da educação libertadora proposta por Paulo Freire. Na segunda parte irei focar no surgimento dos cursinhos pré-vestibulares e cursinhos populares no Brasil. Por fim, irei falar do perfil de um educador popular, relacionando com minha vivência no projeto bem como a de ex professores/as de Biologia, onde analisarei se o PNV incentiva prática da educação popular e como isso contribuiu para a formação desses professores.

2. EDUCAÇÃO POPULAR

A Educação Popular é um mosaico de teorias e práticas que ganhou significados e ressignificados ao longo da história, desde a educação em comunidade da sociedade primitiva à educação libertadora. Neste capítulo, abordarei um pouco sobre a Educação popular no Brasil e suas conceituações ao longo do tempo, utilizando como principal fonte teórica o livro *O Que é Educação Popular* Brandão (2017).

2.1 “A educação pública é educação popular?”

Durante as minhas aulas no Projeto Novo Vestibular (PNV), antes de iniciar o conteúdo propriamente dito, buscava sempre trazer perguntas que instigassem os alunos a pensar naquilo que iríamos trabalhar naquela aula, por exemplo:

“Em Biologia 1 vamos estudar a diversidade da vida, mas o que é vida?”

Da mesma forma, gostaria de começar esse trabalho perguntando a vocês: *O que é Educação Popular?* Essa é uma pergunta desafiadora, eu mesma até hoje me vejo constantemente aprendendo sobre ela nas minhas práticas, leituras e vivências. A dificuldade de conceituar Educação Popular vem, segundo Oliveira (2006), da dificuldade da recuperação de uma concepção universal de educação, do fato da escola não ser compreendida também como um local de formação político-social, da pouca importância historicamente atribuída pela sociedade brasileira a esse modelo de educação, do pouco entendimento e delimitação de suas práticas-político-pedagógicas e da associação, quase instantânea, com a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O título desse primeiro tópico parte de um dia na disciplina optativa do meu curso de Ciências Biológicas, Métodos de Pesquisa em Ensino de Ciências e Biologia, onde o professor questionou o que era educação popular, e se a educação pública pode ser considerada uma educação popular.

Como dito, conceituar a educação popular é desafiador pois esse é um conceito amplo, que ultrapassa as instâncias institucionais, que se apresenta de diversas formas, e que se modificou e continua se modificando com o tempo. Não se trata de uma “receita de bolo” onde o professor pode seguir o passo-a-passo para se tornar um educador popular. Para Brandão (2017), a educação popular recebeu, no Brasil, vários sentidos e significados ao longo dos anos, podendo ser resumido em quatro: Educação da comunidade primitiva, antes

da divisão social do saber; Educação do ensino público; Educação das classes populares; Educação da sociedade igualitária (educação libertadora), sendo esses três últimos aplicáveis ao contexto da educação popular nos Cursinho Pré-Vestibulares Populares (PVP).

2.1.1 Educação da sociedade primitiva

Os primeiros hominídeos ganhariam destaque dentre os demais organismos vivos por serem capazes de transformar o ato do saber, onde o conhecimento agora seria adquirido tanto na relação com o meio natural, como também uns com os outros (em comunidade), formando a cultura, e os primórdios do que seria uma “educação popular” (com um significado bem diferente do foco desse trabalho)

Então as pessoas aprendem. Como ensinar e aprender torna-se inevitável para que os grupos humanos sobrevivam agora e através do tempo, é necessário que se criem situações onde o trabalho e a convivência sejam também momentos de circulação do saber. Entre mundos e homens muito remotos, onde sequer emergira ainda a nossa espécie - o *homo sapiens sapiens* - este é o primeiro sentido em que é possível falar de educação e de educação popular. (Brandão, 2017, p. 17).

Ainda nas sociedades primitivas, a revolução neolítica, também chamada de revolução agrícola, os bandos errantes de *Homo sapiens* passaram de caçadores-coletores nômades para sociedades sedentárias fixas e agrícolas, permitindo a formação de populações humanas em um local fixo, mudando de forma significativa as relações sociais, o que vai gerar impacto também nas práticas e papéis da reprodução do saber (Brandão, 2017).

Porém, no início desse processo, ainda não há instituições especializadas no ensino (escola), apesar de já existirem “especialistas” em algumas formas do saber como artes, ofícios e ritos. Mas a formação do saber ainda é comunitária e a prática pedagógica vai estar imersa no trabalho e nos rituais. (Brandão, 2017). Com a divisão social do saber, houve a diferenciação entre “os que ensinam e os que aprendem”, além do surgimento de instituições de fato voltadas para o ensino. A revolução neolítica, por ter estabilizado sociedades humanas que começaram a crescer de forma exponencial, pode ter contribuído para a necessidade de uma diferenciação em sua ordem, dessa forma:

A revolução neolítica é a aurora do domínio da tribo sobre o mundo. Livre da servidão da caça e da coleta, o homem vai agora ocupar toda a terra, multiplicar-se, criar sociedades estáveis, numericamente grandes e socialmente complexas, e vai

gerar a tribo, a aldeia e a cidade, produtos da terra, produtos da agricultura de cereais [...] A aldeia e a cidade são os lugares onde o *ensino* vira a *educação*. (Brandão, 2017, p. 22).

A divisão social do saber não foi um processo repentino e nem homogêneo, mas com ela, a educação deixa de ser um saber transmitido entre comunidades e passa a ser um aparato de poder de quem “detém a palavra”, e a educação popular passa a ser entendida como uma pequena fração do saber daqueles que estão à margem do poder que foi estabelecido. (Brandão, 2017).

2.1.2 Educação Popular como Ensino Público

O segundo aspecto da Educação Popular estabelecido por Brandão é o da Educação Popular como Ensino Público, e para entender esse processo, iremos sair da pré-história e entrar no Brasil colônia, onde as primeiras iniciativas de uma escolarização, sejam elas no formato de “missões” (ou agressões) aos indígenas e pessoas escravizadas, onde a “educação” era voltada para o controle e a catequização, e os centros reais, conventos, mosteiros e seminários para os filhos da coroa portuguesa.

Avançando um pouco mais no tempo, a reivindicação por uma escola pública, laica e para todos data do século XX, fruto não de uma súbita bondade do estado, e sim de luta e trabalho político, mas ainda assim uma educação voltada para a capacitação de força de trabalho (Brandão, 2017).

Como veremos mais adiante, esse processo de expansão da educação pública ainda vai levar por muitos anos essa natureza profissionalizante, de aperfeiçoar para o mercado de trabalho e de ser uma educação que Paulo Freire (1921-1997) chamou de educação bancária (Freire, 2023) . Porém, essas iniciativas da implementação de uma escola pública, desde o Brasil imperial ao Brasil república, não conseguiram ampliar o ensino e impactar a sociedade de forma significativa, onde os índices de analfabetismo e marginalização das populações mais pobres seguiram alarmantes.

Os anos 20 e 40, período conhecido como “Entusiasmos pela educação” (Brandão e Assumpção, 2009) são marcados por várias lutas por uma escola pública de qualidade e pelo combate ao analfabetismo, mas ainda com o ideal de desenvolvimento econômico, principalmente para alfabetizar trabalhadores rurais e estrangeiros para o mercado de trabalho.

Nesse ponto, vale destacar mais uma vez que uma educação pública não necessariamente vai ser uma Educação Popular. Apesar de a educação gratuita e universal ser um pilar importante para essa filosofia da educação. De nada adianta ter um espaço público de ensino, mas não ser garantido o ingresso e nem a permanência desses sujeitos nesses locais. Essa é uma crítica que Brandão tece à falácia do slogan da educação pública como uma “educação para todos”, pois muitas vezes jovens que não foram abarcados pelo ingresso no ensino superior se veem diante da escolha de continuar os estudos ou de trabalhar para se sustentar, e da mesma forma os que conseguem, mas não alcançam subsídios para a sua permanência na universidade.

A educação do povo é deficiente e desvela aquilo que ela oculta: a deficiência aparentemente acidental sustenta a necessidade de que a educação seja desigual. Afirmando possuir as condições do *jogo*, onde todos de início são dados como iguais e partem das mesmas condições, sobre as quais a diferença da qualidade individual estabeleça a diversidade dos resultados, ela se realiza como um *rito*, onde as posições estão demarcadas de modo antecedente e desigual, e onde os resultados, portanto, são conhecidos antes de serem cumpridos pelos *atores* da escola. (Brandão, 2017, p. 39)

Ainda nesse período, é possível ver faíscas da Educação Popular como uma educação “do povo e para o povo” dentre inúmeras iniciativas de movimentos sindicais, movimento operário e partidos, como criação de escolas para filhos de operários, centradas principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, que trabalhavam uma escola não apenas para a formação escolar, mas também para a organização política dentro de seus grupos.

2.1.3. Educação das classes populares e a educação libertadora

Um sentido mais usual e atual para a Educação Popular, que será utilizado nesse trabalho, é o da educação das classes populares. A partir da década de 40, mas principalmente na década de 50, com o fim da II Guerra Mundial e um crescente processo de industrialização, desencadeada pelos países europeus, levou o Brasil a uma transição do modelo agrário rural ao industrial urbano (Brandão, 2017). Com essa mudança e ascensão de um modelo econômico desenvolvimentista no país, se intensificaram os programas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesse cenário surge, segundo Gadotti (2007), duas tendências para a EJA, a primeira relacionada a Educação Profissional e a segunda a Educação Libertadora,

materializada na figura de Paulo Freire, que culminou no seu exílio após o golpe militar de 64.

Houve também diversas iniciativas, inclusive internacionais, como da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que trouxeram propostas para países subdesenvolvidos de uma educação a partir da base para sujeitos marginalizados, para a promoção de uma vida social digna e produtiva (Assumpção *et. al.*, 2009).

A Educação Popular, como uma nova epistemologia da educação, surgiu na América Latina em oposição a esse modelo de educação para o “desenvolvimento”, e propôs modelos alternativos para a reforma que o estado passava apresentando uma educação crítica e comprometida com as classes populares. Não surgiu, porém, dentro de gabinetes ou instâncias formais de educação, mas no calor da luta popular, se expressando em concepções e práticas diversas (Gadotti, 2007). Assim, a partir da década de 50, até a década de 70, o termo “educação popular” não é mais visto como um termo liberal para se referir apenas educação de jovens e adultos, em uma visão mercadológica, mas uma educação como instrumento político das classes populares, dessa forma:

Toda Educação tem como pano de fundo de sua concepção um aspecto ideológico pensado e fortemente estruturado, sendo a história da Educação a história do conflito entre diferentes ideologias, refletido nos processos instituídos de ensino e aprendizagem, quer sejam eles ligados a uma proposta escolar institucional, quer sejam forjados paralelamente de acordo com necessidades específicas da conjuntura social em que surgem. (Assumpção *et al.*, 2009, p.60).

Esse processo de disputas ideológicas para um projeto nacional de educação foi duramente interrompido durante os anos 60 e 70 devido a implantação de ditaduras militares, não só no Brasil, mas em vários países Latino-americanos, que perseguiram e enfraqueceram os movimentos populares, e conseqüentemente as práticas de educação popular que, nesse período, passam de uma ação ofensiva para defensiva (Gadotti, 2007).

Após o longo período de ditadura, o país estava marcado por uma forte crise política, social, econômica e educacional. Os anos 80 e 90 foram marcados pelo avanço em grande escala de políticas neoliberais, em detrimento do poder do estado, aumentando as desigualdades sociais, diminuindo a qualidade da educação, bem como o seu acesso (Gadotti, 2007).

Assim, é possível observar na literatura que o período pós-ditaduras e de redemocratização no Brasil é marcado pelo surgimento de várias iniciativas de Cursinhos Populares pelo país, inclusive o PNV, fundado em 1986, que visavam principalmente a democratização do acesso ao ensino superior e traziam consigo uma nova perspectiva de educação pautada na mudança social e na promoção do pensamento crítico.

3. CURSINHOS POPULARES

Os Cursinhos Pré-vestibulares Populares (PVP) são importantes por proporcionarem o acesso ao ensino superior de forma mais acessível e, muitos destes, apostam em uma educação crítica, que vá além de apenas ensinar conteúdos para o vestibular (Castro, 2005). Neste capítulo abordarei sobre o surgimento e expansão dos Cursinhos Pré-vestibulares/Pré-universitários, bem como dos Cursinhos Populares no Brasil.

3.1 Cursinhos populares e a democratização do ensino: Breve histórico no Brasil

Os Cursinhos Pré-Vestibulares começaram a surgir no Brasil por volta de 1940 com o marco da Constituição de 1946, que trouxe o direito a educação básica para todos os cidadãos e aumentou a demanda de matrículas em instituições de ensino público fundamental e médio e, conseqüentemente, a demanda por vagas no ensino superior público.

Ao se popularizar o ensino primário e expandir-se o secundário, mesmo de forma fragmentada, atendiam-se expectativas do setor privado, que, naquele momento, atuava no que chamamos hoje de ensino médio. A expansão de vagas nas instituições públicas de ensino fez com que a iniciativa privada alçasse voos mais altos e seguros no setor dos serviços em educação, pois, a partir daquele momento, a pressão por mais vagas nas instituições de ensino superior cresceria de forma avassaladora. Isso abriu um enorme e lucrativo campo de atuação para a iniciativa privada na preparação dos vestibulandos e, mais tarde, durante o regime militar, no ensino superior. É nesse período que surgem os cursos preparatórios para os exames vestibulares (PEZZI, 2002) que chamamos de “cursinhos comerciais” ou *business*, nos dizeres de Sérgio José Custódio (CUSTÓDIO, 1999). (Castro, 2005, p. 17-18)

O final de 1950 e início de 1960 é marcado, como já discutido, por um momento de disputa para a criação de um projeto de educação nacional democrático, e as experiências emergentes de Cursinhos Populares nesse período se inserem nessa disputa e como uma inspiração desse projeto democrático (Serrano, 2020).

Segundo Castro (2005), os cursinhos populares no Brasil têm sua gênese em pelo menos quatro momentos diferentes da história do país, e na linha de frente desse processo é possível ver diversos agentes das camadas populares: movimentos sociais (principalmente do movimento negro), movimento estudantil, movimento comunitário, movimento católico de esquerda (teologia da libertação), partidos de esquerda e sindicatos.

O primeiro momento surgiu com os chamados Cursinhos da Poli, da Faculdade Politécnica da Universidade de São Paulo (USP) e do Centro Acadêmico Armando Sales de Oliveira (CAASO) da USP de São Carlos, fundado em 1957 com o intuito de suprir a deficiência no ensino de base, principalmente na área de exatas, e posteriormente como uma tentativa de democratização ao acesso no ensino superior, sendo voltado para populações historicamente marginalizadas (Castro, 2005).

O segundo momento diz respeito ao período que se insere a ditadura civil-militar brasileira que perdurou de 1964 a 1985 onde, apesar do forte movimento de repressão as instâncias democráticas, as experiências já acumuladas dos anos anteriores, junto dos movimentos sociais emergentes nos anos de 1970, principalmente relacionados a Igreja Católica com as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), o Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE) e do Movimento Nacional de Alfabetização foram muito importantes para a formação da identidade dos Cursinhos Populares desde então (Castro, 2005).

No exílio, Paulo Freire tem a publicação do seu primeiro livro no Brasil *Educação Como Prática da Liberdade* (1967) e logo depois *Pedagogia do Oprimido* (1968) que lançariam a base filosófica para vários PVP's que vão surgir desde então (Castro, 2005).

O terceiro momento se situa no final dos anos 1980 e início de 1990 e se caracteriza pela expansão de cursinhos pré-vestibulares nas universidades públicas do país, o que abre uma grande contradição no sistema educacional, onde se amplia o número de vagas nas universidades públicas, mas mantém profundas desigualdades no seu acesso (Zago, 2008).

Esse período pós-ditadura também é marcado por uma crescente demanda por qualificação profissional, onde jovens que terminavam o ensino médio não encontravam no mercado de trabalho oportunidades de emprego e viam no ingresso ao ensino superior uma forma de adquirir uma formação mais especializada e melhores oportunidades de trabalho (Mendes, 2009).

Os PVP's que emergiram nessa época vinham com a proposta de democratizar o acesso ao ensino superior, como uma tentativa de diminuir essa desigualdade de acesso, sendo muitos destes gratuitos ou com preços populares. Mas para além disso, o que vai diferenciá-los dos demais cursinhos pré-vestibulares, é que vão trazer como princípio a base filosófica da educação Freiriana, que se popularizou no Brasil e no mundo com as publicações e trabalhos realizados por Paulo Freire no exterior durante o exílio, e que vai propor uma educação transformadora, com um carácter político ideológico e que incentiva professores a trabalhar seus conteúdos de forma crítica e contextualizada na realidade dos alunos, não atendendo apenas a exigências de mercado. O quarto e último período é um resultado da interação dos três anteriores e de um retorno a prática e ao método da educação popular no país (Castro, 2005).

3.2 O Projeto Novo Vestibular

O Projeto Novo Vestibular (PNV) é um cursinho Pré-Universitário de carácter popular fundado em 1986 por iniciativa do Centro Acadêmico Frei Tito de Alencar (CAFTA) do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC) e que tem como objetivo, segundo o seu Regimento Interno (2023):

ART.2o – O objetivo principal do PNV é a democratização do ensino por meio da realização das seguintes diretrizes: §1o – Ser um espaço coletivo de discussão e reflexão das questões educacionais, políticas, econômicas, sociais, tecnológicas, ambientais e culturais, contribuindo para uma formação cidadã de todos(as) os(as) envolvidos(as) no Projeto; §2o – Preparar para o ingresso no nível superior estudantes oriundos(as) da rede pública de ensino e bolsistas integrais do ensino privado; e, em caso de vagas ociosas, alunos oriundos da rede particular de ensino; §3o – Ser um espaço para preparação de estudantes dos cursos de graduação da UFC, enquanto trabalhadores da educação/educadores, para o mercado de trabalho e para uma intervenção crítica e cidadã comprometidos com a justiça social. (Regimento Interno do Projeto Novo Vestibular, 2023, p. 3).

Além disso:

Ao longo dos anos, o PNV mostra para a comunidade acadêmica e para a sociedade que com uma metodologia pedagógica e uma estrutura voltada para a construção de uma consciência crítica e uma atuação democrática os Cursinhos Populares podem ser espaços de atuação e reflexão por uma nova educação e também por uma nova sociedade. (Site desativado do PNV)¹.

¹ Disponível em: < <http://www.pnv.ufc.br> > Acesso em: 16 dez, 2023.

Dessa forma, o PNV surge não apenas a serviço da população como um cursinho preparatório para o vestibular, mas como um local de formação crítica, humana e cultural, além de um espaço de formação para estudantes de graduação dos mais diversos cursos da UFC, especialmente os de licenciatura.

O que define a educação popular é o caráter político-pedagógico, assim como o seu projeto político-ideológico que, em última instância definem-na como uma prática social que, trabalhando, fundamentalmente com o conhecimento, tem uma intencionalidade e objetivos políticos, “é indistintamente, um espaço de participação social e um método de ação política. (Oliveira, 2006, p.8).

Assim, não necessariamente um professor do PNV vai ser um educador popular, até porque a educação popular, como já mencionado, não é um método onde se segue um passo-a-passo, mas uma filosofia de educação que é abstrata e não é palpável. Mas o educador, tendo o conhecimento e o espaço/abertura necessários, que o projeto proporciona, pode utilizá-la na sua prática. Da mesma forma, os alunos que passam pelo cursinho não vão sair de lá formados para fazer uma revolução, mas podem ser tocados por uma prática educativa que os incentive a pensar a sua realidade e seu papel na sociedade.

4. METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, amplamente utilizada nas pesquisas sociais, onde o objeto de estudo do pesquisador é o mesmo que ele. Logo, é uma pesquisa que vai abranger “o universo os significados, dos motivos, das aspirações, crenças, valores e atitudes” (Minayo *et. al.* 2016, p. 20). A pesquisa qualitativa pode ser dividida em três etapas: 1) fase exploratória, 2) trabalho de campo e 3) análise e tratamento dos resultados. A fase exploratória constitui na delimitação do objeto de estudo, no desenvolvimento teórico e metodológico do trabalho e nas ferramentas utilizadas para se alcançar os objetivos propostos. Na fase do trabalho de campo utilizei a abordagem da narrativa de experiências educativas, tanto minha quanto de outros sujeitos que serão envolvidos na pesquisa. A análise de narrativa se dá a partir do contexto da experiência vivida (Ferreira-Alves; Gonçalves, 2001), e não se trata apenas de uma “contação de história” por si só, mas tudo que for registrado será analisado para que se possam extrair aspectos que se pretende investigar e dialogar com o aporte teórico desenvolvido, dessa forma:

Uma história contada, ao ser extraída pelo ouvinte do contexto narrado, pode ser recontextualizada em outras situações ou experiências, produzindo novas compreensões entre os contadores e os ouvintes. (Lima, 2015, p. 17-44).

A coleta dos dados foi realizada através de entrevistas individuais estruturadas, já que o objetivo era analisar experiências individuais, escolhas e biografias pessoais (Gaskell, 2002) e onde há o planejamento prévio das perguntas, que foram utilizadas com todos os entrevistados do início ao fim da pesquisa (Gil, 2008). Em cada pergunta, os participantes podem falar livremente sobre o tema, trazendo outros pontos importantes que podem ser incluídos na pesquisa, mas que não irão alterar o conteúdo das perguntas para os demais entrevistados. O anonimato dos participantes foi zelado, onde eles assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para a entrevista foram elaboradas as seguintes perguntas:

- 1) O curso de Ciências Biológicas foi sua primeira opção para ingressar em um curso superior? E a modalidade Licenciatura, foi também seu desejo?
- 2) Como chegou no PNV?
- 3) Foi sua primeira experiência na docência?
- 4) Como era a organização do projeto e rotina?

- 5) Havia formações pedagógicas para os professores?
- 6) Como era a sua relação com os alunos dentro e fora da sala de aula?
- 7) O seu curso de graduação contribuiu para a sua atuação no projeto?
- 8) Sabia algo sobre educação popular antes do projeto, se sim, o que?
- 9) E depois do PNV, qual a sua visão sobre a educação popular?
- 10) Você ainda atua ou atuou na educação? O que levou do projeto consigo?

4.1 Perfil dos entrevistados

No total, foram contactados doze ex professores de Biologia do projeto, dos quais escolhi seis para as entrevistas que ocorreram tanto de forma online como presencial. O critério de escolha consistiu em selecionar pessoas que abrangessem diferentes épocas do projeto, para que se possa fazer uma análise que leve em consideração o contexto histórico do período e de cada indivíduo pois “toda e qualquer formação se situa em determinado tempo, espaço e saber” (Moretti *et. al.* 2014, p. 157) bem como evidenciar o que mudou e o que permaneceu na dinâmica do cursinho.

Professora Elza Freire:

Atualmente é professora da UECE Itapajé, atuou no PNV nos anos 2001-2002.

Professor Paulo Freire:

É professor efetivo do Estado do Ceará desde 2014, atuou no PNV nos anos 2009-2011.

Professor Florestan Fernandes: 2011-2013

Atualmente é professor efetivo da rede estadual, atuou no PNV nos anos 2011-2013.

Professora Conceição Evaristo:

Atualmente é professora em duas escolas particulares em Fortaleza, atuou no PNV nos anos 2015-2017.

Professora Bell Hooks:

Atualmente é professora efetiva da rede estadual, atuou no PNV nos anos 2018-2019.

Professora Lélia Gonzales: 2019-2022

Atualmente é professora temporária na rede pública, atuou no PNV nos anos 2019-2020.

Também escolhi para a construção do meu trabalho trazer a minha narrativa de experiência do vivido, ou narrativa de experiências educativas que, de acordo com Lima, Geraldi e Geraldi (2015, p. 26) “decorrem de uma situação não experiencial, mas vivencial”. Logo, da minha vivência como professora do PNV, irei extrair as experiências vividas que serão analisadas de acordo com o levantamento teórico estudado. Esse tipo de narrativa se diferencia da autobiográfica pois seu objetivo é analisar uma (ou várias) experiências em particular que tenha sido significativa, e não narrar toda a trajetória do sujeito, assim:

Como refletem sobre o que ocorreu, essas pesquisas concorrem tanto para a formação profissional quanto para a constituição do pesquisador. Oportunizam aprendizagem de pesquisador ao sujeito/objeto da pesquisa que aprende a pesquisar no processo e pesquisando aprende mais sobre o exercício de sua profissão de professor e sobre sua própria vida. (Lima, 2015, p. 27.).

Para o levantamento dos dados na construção da narrativa, irei utilizar as próprias perguntas elaboradas para as entrevistas, como meus diários de classe de 2022 e 2023, onde tenho registrado todas as aulas que ministrei, separando por turmas, e trazendo aspectos como o assunto da aula, a metodologia utilizada, a relação dos alunos com aquela aula e minhas observações sobre eles e sobre a minha prática. Nos diários também serão analisados registros como planos de aula, organização das apostilas, reuniões, formações e relações com os alunos fora da sala de aula.

4.2 Tratamento e análise dos dados

Os dados serão analisados seguindo os critérios da pesquisa qualitativa, fazendo-se a categorização, inferência, descrição e interpretação (Minayo *et al.*, 2016). Dos relatos das entrevistas gravados e transcritos irei fazer análise de conteúdo, evidenciando os aspectos que condizem com o perfil do educador popular encontrados na literatura, encontrando convergências e divergências nas falas e separando-os em categorias. Assim, é possível ter uma “visão de conjunto e de particularidades do material” (Minayo *et al.*, 2016).

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Aqui irei apresentar e discutir os dados obtidos na fase de trabalho de campo, os relatos das entrevistas, bem como os relatos das experiências que vivenciei dentro do Projeto Novo Vestibular. Também irei falar do perfil do educador popular, buscando semelhanças e diferenças com os dados coletados, e as contribuições para a formação de professores de Biologia.

5.1 Quem é o educador popular?

Já vimos que a Educação Popular, na perspectiva da educação libertadora, sistematizada na figura de Paulo Freire no Brasil, tem como princípio base ser voltada para as classes historicamente desfavorecidas. Além disso, também é uma educação que é ideológica, ou seja, não é neutra nem apolítica. Ela leva em consideração os saberes dos educandos e se nega ao fatalismo liberal, tendo a utopia como horizonte. Então falar sobre o educador popular é entender que sua prática educativa perpassa por esses princípios de alguma forma e, claro, não de forma homogênea, e nos diversos espaços de ensino.

Em sua última obra publicada *“Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa”* Paulo Freire faz o que vejo como um compilado de todas as suas obras publicadas e evidencia 29 aspectos presentes em um educador popular, que buscarei evidenciar na minha caminhada durante a permanência no PNV, bem como nos que vieram antes mim. A ideia não é analisar quem “gabarita” mais características sobre o que é ser um educador popular, mas ver de que forma o PNV tem incentivado essa prática em seus discentes e qual o impacto disso na formação de professores de Biologia que passaram pelo projeto.

Alguns trabalhos semelhantes relacionados a formação de professores e educação popular já foram realizados por Martins (2022), investigando a influência de Paulo Freire no ensino de Biologia e na formação de professores; Campo (2019), investigando a atuação de professores de Biologia em cursinhos de caráter popular em Porto Alegre; Mendes (2009) que traz o debate de se é possível conciliar os cursinhos populares com a educação popular, evidenciando suas contradições e dificuldades.

5.2 “Caminho se conhece andando”: minha trajetória até aqui

Quando alguém pergunta se Ciências Biológicas foi a minha primeira opção, ou se eu sempre quis fazer esse curso, nunca sei explicar tão bem pois para mim esse desejo é algo que sempre me acompanhou. Não lembro de um momento exato em que comecei a gostar de Biologia, é como se fosse algo que estive ali mesmo sem saber nomear o que era.

De uma forma que não sei se contraditória, conto nos dedos os professores de Biologia que tive na escola que gostei. Acho que era algo que eu gostava pelo prazer de gostar, não necessariamente pelo que vivi na escola.

Fui aquela aluna que as pessoas chamavam “de humanas”, minha matéria preferida sempre foi história, e até hoje guardo um desejo de também fazer essa graduação em um futuro que não sei quando. Mas algo que eu lembro um pouco, é quando “bati o martelo” que queria fazer o curso de Ciências Biológicas. Foi no ensino médio, não lembro se 2º ou 3º ano, mas gostava muito de estudar doenças e corpo humano (mais uma contradição, pois hoje não tenho muito interesse nessa área), mas também sempre gostei muito de meio ambiente, de zoologia e ecologia principalmente. Pronto! Queria fazer Biologia. Mas vi que tinha que escolher uma modalidade: *“Licenciatura? eu que mal consigo me apresentar em público porque morro de vergonha? Nunca na vida. Não tenho dom pra ser professora”* era o que eu pensava. Mas por outro lado, bacharelado não era bem o que queria, nem sabia direito o que era isso na verdade. Chegou o bendito ENEM, em 2015, não passei.

Em 2016 resolvi ir atrás de um cursinho para tentar novamente, mas tinha que ser algo acessível pois não tinha dinheiro para pagar cursinhos mais caros. Não lembro exatamente como e quem me apresentou, mas fui atrás do Projeto Novo Vestibular, lá no Departamento de História, me disseram que lá era barato e muito bom. A recordação que guardo desse dia era que estava chovendo bastante e que o período de matrículas já havia passado, cursinho estava lotado.

Continuei procurando e acabei indo para em um cursinho do SESC, o pai de um ex companheiro conseguiu uma vaga pra gente, e comecei essa jornada chata e cansativa que é se preparar para o vestibular, ainda na dúvida se queria licenciatura ou bacharelado, mas com plena convicção de que só podia ser Ciências Biológicas.

O ENEM chegou, passei, mas não para Ciências Biológicas porque a nota não seria suficiente, então coloquei a opção de ir para a Zootecnia, *“Se eu gosto de bicho, talvez eu*

acabe me encontrando aqui.” Foram dois anos que se seguiram nesse curso, até eu tentar pela segunda vez a transferência interna no edital de 2019.1. Mais uma vez não passei..., mas agora tive uma surpresa, e ela veio como o melhor presente de aniversário que já ganhei até hoje, porque nesse dia foi quando vi que uma pessoa havia desistido e eu era a próxima da lista. Entrei para o curso de Ciências Biológicas!

Nessa transferência interna havia vagas para bacharelado e licenciatura, tentei para a licenciatura porque vi que o Índice de Rendimento Acadêmico (IRA), que usamos para concorrer as vagas, geralmente era menor. Mas fui aberta a conhecer a licenciatura, apesar de ter plena convicção que aquilo ali não poderia ser para mim, mas tudo bem, eu transfiro pro bacharelado depois.

Em 2019.2 foi aquela alegria de começar o curso que sempre sonhei, conhecer pessoas novas, conhecer o curso em si, os laboratórios, grupos de estudos, bolsas...já entrei com uma bolsa de Iniciação Científica (IC) , que consegui da Zootecnia mas que era do Departamento de Biologia, para trabalhar com análise morfológica de grãos de pólen...aprendi bastante, e acho uma experiência válida na minha formação, mas em um determinado momento deixou de fazer sentido. Já que estava na licenciatura, comecei a amadurecer a ideia de tentar alguma bolsa voltada para a docência para ver como que seria.

Como disse, o PNV apareceu para mim ao acaso, quando estava procurando um cursinho pré-vestibular, mal sabia que 6 anos depois estaria entrando nele como professora. Soube da seleção por divulgação da minha antecessora no projeto, e resolvi tentar para ter uma experiência presencial em ensino. Todas as minhas experiências na docência até então haviam sido online. Entrei no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no final de 2020, que foi a minha primeira experiência em sala de aula, mas no caso, online, devido a pandemia de COVID 19 iniciada no começo de 2020. Também entrei no Programa de Educação Tutorial (PET) e tive algumas poucas experiências presenciais nesse período, mas todas pontuais. Ao mesmo tempo que o PNV não foi a minha primeira experiência na docência...meio que também foi. Pois foi no projeto que de fato assumi essa figura de professora, que não era tão forte nessas outras experiências que tive em educação.

Fiz a seleção do PNV no final de 2021, e iniciei no projeto oficialmente no começo de 2022, junto ao retorno das atividades presenciais na UFC. Toda minha vivência no projeto, tentei registrar nos meus dois diários de classe, onde neles escrevia os planos de aula (que entregava no formato digital), assuntos discutidos nos nossos fóruns mensais, regimental, que

é essa reunião que nós temos no meio e final do ano para fazer toda a leitura do nosso regimento interno e o planejamento do semestre seguinte, calendário e, um dos pontos mais importantes, os relatos que eu fazia de cada aula.

No total, eu dava aula para cinco turmas e sempre registrava como havia sido a aula em cada uma como forma de fazer um acompanhamento. Relatava se eles interagiram na aula, se eles pareciam gostar e estar entendendo, o que eu gostei e o que mudaria, e também eventuais sugestões que os alunos traziam para que eu melhorasse nas aulas. Compartilho o que escrevi no meu diário de classe sobre a primeira vez que dei aula no projeto:

“A sensação de entrar em sala de aula como professora pela primeira vez (e ser chamada de professora) é uma mistura de sentimentos: ansiedade, nervosismo, estranheza, curiosidade e também felicidade. Nessa primeira semana dei aula só para três turmas, e cada uma foi diferente...a medida que passava para a próxima turma, achei que a comunicação foi melhorando. Ter a professora antecessora me auxiliando ajudou bastante. Como foi a primeira semana, decidi não jogar conteúdo. Me apresentei, falei um pouco da minha formação, expliquei como eu pretendia conduzir as minhas aulas e o que nós iríamos ver. Fiz também uma dinâmica de apresentação onde os alunos diziam o nome, o curso (opcional) e um hobby. Achei que eles tiveram uma boa participação, só um aluno não participou. As pessoas são bem diversas, com pessoas jovens, adultas e idosas.”

A principal atividade na rotina semana era ministrar as aulas, mas por trás disso existiam outras atribuições como o próprio planejamento dessas aulas, a produção de material didático (apostilas), aulões, e as nossas próprias reuniões mensais onde sempre tinha alguma demanda referente ao projeto para discutir e encaminhar.

Lembro de ter poucas formações pedagógicas, no meu primeiro ano só tive uma ao entrar, onde se explicou o que era o projeto e a sua base filosófica, e outra no regimental do meio do ano sobre educação popular, que foi um momento muito rico de troca de experiências e debate com os outros participantes, e que considero como um momento de sistematização e reflexão sobre como a educação popular estaria inserida no PNV, que até então tinha vivido na prática, mas que não sabia exatamente se aquilo era de fato educação popular.

Em 2023 tentamos fazer com que as formações fossem mais recorrentes, mas por demandas pessoais de cada um, a situação e própria rotina intensa do projeto, isso não foi algo que se concretizou por completo. Mas ainda tivemos uma formação sobre como se portar de forma ética e profissional em sala de aula e uma outra sobre cursinhos populares. Fora as formações sistematizadas e planejadas de fato, também considero como formação o próprio acompanhamento que a coordenação pedagógica, composta por alunos do curso de pedagogia, fazia, dando *feedbacks* dos nossos planos de aula e das nossas aulas. Nossos próprios

momentos de reuniões, também as reuniões de área onde nós da Ciências da Natureza tentávamos articular nossas disciplinas, a produção dos materiais...tudo isso também considero um caráter formativo importante do projeto.

A minha relação com os alunos sempre foi muito boa, tanto dentro como fora de sala de aula. Mas lembro que no início, por ter essa diversidade de públicos e faixas etárias no PNV tinha um certo medo de não me “levarem a sério”. Tinha insegurança se conseguia ter essa postura de professora em sala, e de preparar turmas para o vestibular. Algo interessante que me surpreendeu é que os alunos já viam em mim uma certa “autoridade” em sala, mas sempre os tratei com respeito e deixei clara a minha abertura para conversas, sugestões e críticas, e percebi que isso ajudou muito eles a terem menos receio de chegar para falar comigo sobre a matéria, sobre minha aula e até sobre assuntos pessoais. O fato de nas minhas aulas, onde tentava puxar a interação deles com perguntas, também foi algo que me ajudou a diminuir o nervosismo e trazer essa aproximação com os alunos.

Quando penso nas formas em que meu curso de graduação contribuiu para a minha atuação no projeto, acho que existiram duas respostas, a da Bárbara do ano passado e da Bárbara de agora. Eu tive um semestre presencial no curso, o restante da minha graduação foi online, voltando novamente para o presencial só no sexto semestre. A maior parte das disciplinas pedagógicas que fiz foram durante a pandemia, das quais destaco Instrumentalização para o Ensino de Ciências III e Instrumentalização para o Ensino de Ciências IV e Tecnodocência, as duas primeiras por me dar um embasamento teórico, principalmente voltado a educação freiriana, que me ajudou a chegar no projeto já com uma base, e a segunda por me mostrar uma parte mais prática de como elaborar um plano de aula e trabalhar a interdisciplinaridade.

Falo que existem duas respostas para essa pergunta, porque até pouco tempo carreguei uma certa mágoa, chateação, sei lá...ainda não sei nomear esse sentimento direito, mas o de ter tido a maior parte do curso online, que me deu a sensação de que a minha formação foi prejudicada e que não conseguir absorver algo de útil de fato. Porém o tempo e as vivências me mostraram que não foi bem assim. Que tive sim um prejuízo por um lado, mas hoje percebo que consegui absorver muitas coisas das experiências e disciplinas na pandemia, na medida do que foi possível naquele momento.

As experiências práticas, mesmo que online, e algumas poucas presenciais do PIBID e PET, mas principalmente do PIBID, me ajudaram a não estranhar tanto o ambiente de sala de

aula e a interação com os alunos. Também me ajudou no sentido de que eu já aprendi ali uma noção de como planejar e executar uma aula, trabalhar em grupo, além de ter um acompanhamento com o orientador que sempre incentivava a leitura, a reflexão das nossas práticas em sala, e já vinha desconstruindo ideias como de que o professor detém todo o saber em sala, da docência como um dom, por exemplo. Então, todas essas vivências e reflexões foram importantes para chegar com uma base no PNV.

Quando as atividades presenciais voltaram, e já tinha passado um semestre nessa rotina do projeto, resolvi cursar a disciplina de Educação Popular e EJA na Faculdade de Educação (FACED), como um auxílio para tentar melhorar a minha prática e meu aporte teórico sobre o assunto.

Se fosse listar as minhas maiores dificuldades, principalmente no início da atuação no PNV, era a de como levar aquele conteúdo biológico que eu vi na faculdade de uma forma que fizesse sentido para os alunos, e que também fosse útil para o vestibular. Tentar entender como a educação popular se encaixava naquele espaço também foi um desafio: *“como seria possível trabalhar com educação popular em uma aula de 45 minutos?”*.

Não considero ruim meu entendimento sobre educação popular antes de entrar no PNV, acho que entrei com uma base boa, sendo a maior dificuldade, como disse, entender como aquilo se encaixava ali.

Fui de movimento social, o Levante Popular da Juventude, durante dois anos, não tinha lido nada de Paulo Freire, mas sabia quem era e a sua importância para a educação. Entender mais sobre educação popular, no campo teórico, só ocorreu no ambiente acadêmico mesmo, onde se iniciou com o PIBID e se aprofundou nas IPEC's.

Não consigo lembrar com exatidão o que eu pensaria, antes de entrar na universidade, se alguém chegasse e me perguntasse o que era educação popular. Mas pelo pouco que lembro, associaria a educação para as classes populares, e que tinha alguma coisa a ver com Paulo Freire.

Depois do PNV, e principalmente durante a própria construção desse trabalho, pude entender um pouco melhor como a educação popular se encaixa nesse ambiente do cursinho, onde não pode ser trabalhada em sua plenitude, devido a questões de tempo e do próprio intuito de preparar os alunos para a prova de vestibular, mas se revela em algumas práticas individuais e coletivas. A principal pra mim é a existência do próprio projeto em si, que está ativo há 37 anos na pura teimosia, já que não recebe o aporte que deveria receber da própria

universidade. Então o fato de insistir em estar lá, em colocar estudantes de escola pública dentro do espaço da universidade, já é uma característica da educação popular que se revela.

A horizontalidade também é uma característica marcante, visto que por mais que tenhamos essa divisão necessária para a própria organização e bom funcionamento do projeto: coordenação, professores e alunos; ninguém está acima de ninguém, todos tem voz e vez. O caráter formativo que incentiva o pensamento crítico, a quebra da relação vertical professor-aluno e a relação próxima de carinho com os estudantes também se caracteriza como um aspecto da educação popular.

O caráter político e ideológico, de estar sempre mais aliado aos movimentos de esquerda, e em compromisso com a classe trabalhadora também é uma forma que o projeto encontra, mesmo em um ambiente onde o objetivo é preparar para o vestibular, de trazer uma educação que “nade contra a corrente” do modelo que nos acostumamos a vida toda.

Do PNV levo comigo primeiramente o carinho e a felicidade por ter me (re)encontrado com esse projeto que me formou como professora e como gente. Sempre fui uma pessoa tímida, retraída o que hoje já não vejo mais como um problema, mas como uma característica parte da minha personalidade. Mas a minha desenvoltura em sala de aula hoje é completamente diferente da Bárbara que entrou no PNV em 2022, e muito disso o próprio projeto me auxiliou.

Todas as relações que construí, com professores, coordenadores e alunos, também me marcaram e sempre vou levar comigo como construir algo junto é bem mais enriquecedor do que construir de forma individual. As relações de diálogo que aprendi a estabelecer em sala de aula, e a parte mais técnica como produção de material, planejamento e até a produção dos eventos que a gente fazia no projeto como a nossa “Paulo Feira”², as festinhas de São João e demais eventos. São ações que em algum nível foram formativas para a professora que estou começando a ser.

5.3 Quem veio antes: formação docente de professores de Biologia na perspectiva da educação popular

Agora passo para a análise das entrevistas de quem veio antes, e que também ajudaram a construir o PNV. Os tópicos que se seguem são referentes às perguntas que foram feitas nas

² Feira organizada pelos integrantes do projeto onde são vendidos livros que foram arrecadados como forma de captar recursos para o PNV.

entrevistas. As falas dos entrevistados foram transcritas, onde separei os trechos que considerei de maior relevância e organizei em categorias.

5.3.1 Escolha pelo Curso de Ciências Biológicas e a modalidade Licenciatura

Analisando as falas dos entrevistados sobre a primeira pergunta, se o *Curso de Ciências Biológicas* foi a primeira opção e a modalidade licenciatura, pude notar que para três professores o curso foi a primeira opção, mas destes, apenas um de fato queria a modalidade licenciatura. A escolha *a posteriori* pela licenciatura, para alguns, se deu na ideia dessa modalidade ter uma abrangência maior em questão de mercado, e também por a nota de corte do curso nessa modalidade ser menor. A influência para a escolha ou troca de modalidade também se deu por influência de amigos, professores e a experiência em disciplinas voltadas para a docência.

Algo muito interessante, não só nas respostas dessa pergunta, mas nas demais que serão evidenciadas posteriormente, foi a influência do contexto histórico e político da época. Para a entrevistada que atuou no projeto de 2001-2002, a Ciências Biológicas não era uma perspectiva de início, porque nem a universidade era uma realidade palpável. Não se tinha muito conhecimento nem acesso a esse espaço para a classe trabalhadora, especialmente das escolas públicas.

Algumas falas que considerei relevante dos entrevistados estão transcritas a seguir:

Professora Elza Freire

“...Eu não posso dizer que a licenciatura foi a minha primeira escolha porque aquela época eu pensava que eu ia terminar o segundo grau e eu ia trabalhar. Era muito a perspectiva do meu tempo né... estudante da classe trabalhadora terminava o ensino médio e ia trabalhar...”

Professor Paulo Freire

“Sim eu sempre preferi fazer Biologia...eu terminei primeiro a licenciatura porque naquela época todo mundo entrava automaticamente na licenciatura, e partir do quarto semestre é que você podia, caso preferisse, fazer a transição para o bacharelado...”

“[...] Eu nunca tinha tido experiência pedagógica, e aí por questões de imaturidade eu

achava que o bacharelado era melhor que a licenciatura e tal...”

Professor Florestan Fernandes

“Na minha turma a maioria dos colegas fez a opção de fazer a transferência pro bacharelado né... mas eu continuei direito, não fiz essa mudança, licenciatura era a minha primeira opção mesmo.”

Professora Conceição Evaristo

“A minha ideia quando saí do IFCE era cursar engenharia, então a Biologia nunca foi uma perspectiva assim...eu não me imaginava sendo professora até aquele momento. Mas eu era do movimento estudantil então tinha muito envolvimento com o debate de educação...”

Professora Bell Hooks

“[...]Eu queria ser pesquisadora, queria fazer bacharelado, mas eu não entrei no bacharelado, entrei na licenciatura só que entrei na ideia de mudar de modalidade assim que eu pudesse...troquei a modalidade e fui fazer o bacharelado e lá no final do curso eu entrei em uma crise porque eu gostava de tudo e eu não sabia que área focar... pra mim nada era relevante, eu não queria falar a respeito de uma proteína do óleo de num sei o que... assim umas coisas nada haver sabe? queria algo que tivesse algum impacto, alguma devolutiva pra sociedade...eu tinha muito esse anseio. Na minha impulsividade eu pensei Por que não? e mudei novamente de modalidade pra licenciatura...”

“[...] mas a minha primeira opção não foi licenciatura e eu não pensava em ser professora...foi mais em um momento que eu realmente não sabia o que fazer e apostei, tive pessoas que disseram que achava que podia dar certo pra mim.

Professora Lélia Gonzales

“Ciências Biológicas foi a minha primeira opção, mas eu não coloquei licenciatura querendo licenciatura, coloquei porque a nota de corte era mais baixa e eu já tinha a ideia de que eu queria ter os dois títulos...mas a minha ideia era ser pesquisadora no meu imaginário...”

- **Professor-pesquisador**

É possível notar uma resistência a escolha inicial pela licenciatura, que pode ser resultado de diversos fatores, mas passa pelo imaginário do biólogo pesquisador, tanto em campo como em laboratório, e muitos não enxergam a docência inserida nesse universo da pesquisa científica.

Na perspectiva da educação popular, a pesquisa é sempre uma tarefa pedagógica e a educação, uma tarefa investigativa. [...] pretendemos reafirmar a estreita conexão existente entre as duas práticas que, não obstante, mantém as suas especificidades. Questiona-se a clássica divisão de tarefas entre quem pesquisa e quem transmite o que os outros pesquisaram, mostrando que é possível criar entre pesquisa e docência relações muito mais criativas e produtivas do ponto de vista do conhecer/transformar a realidade. (Moretti *et. al.*, 2014, p. 131)

Siqueira *et al.*, (2007) investigando sobre a educação popular como um caminho metodológico para o ensino de Ciências e Biologia notou que muitos alunos que chegam a disciplina de Didática e Prática de Ensino de Ciências e Prática de Ensino em Biologia tem essa resistência à licenciatura, e que isso é devido a insegurança e a experiências ruins advindas das escolas, associadas principalmente ao modelo tradicional de ensino, onde o professor manda e detém o saber, e o aluno obedece e é apenas um receptor passivo desse saber. Associado a isso, a precarização do trabalho docente no Brasil pode ser um outro fator que contribui para a repulsa pela ideia de fazer licenciatura e seguir no magistério.

- **Docência como um “dom”**

Uma outra visão sobre a prática docente muito difundida é a de que ser professor é um “dom”, ignorando todo o processo de formação necessário por trás disso. Citando Moretti *et. al* (2014)

Não se trata de um dom, uma característica pessoal intransferível de certos indivíduos, algo de profundo e incommunicável. Ao contrário, esta dinâmica pode ser aprendida, desde que o educador ou educadora tenha disposição interior, abertura, sensibilidade e compromisso para tanto. (Moretti *et al*, 2014, p.163).

Reconhecer o nosso inacabamento, como sujeitos que estão em constante aprendizado, é também reconhecer que ensinar exige pesquisa:

O professor que não leve a sério a sua formação, que não estude, que não se esforce para estar a altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar atividades de sua classe. (Freire, 2022, p. 89-90).

Dessa forma, ser professor não é uma característica inerente nem predeterminada a determinadas pessoas, mas uma vocação que exige estudo e dedicação, sendo também um saber plural e que advém de diversas histórias e contextos que o docente vai adquirindo ao longo de seu percurso (Siqueira *et. al.*, 2007).

5.3.2 Como chegou ao PNV

- **Complementação da formação curricular**

Os entrevistados conheceram o projeto por caminhos diversos, mas principalmente por incentivo de colegas da faculdade que já haviam passado por ele. A vontade de tentar a seleção para o cursinho veio principalmente do anseio de ter experiência na docência, tanto como uma primeira experiência, mas também pela vivência anterior em projetos voltados ao ensino como monitorias, Programa de Educação Tutorial (PET) e Programa de Bolsa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID). A flexibilização de poder ter outra bolsa e atuar no projeto, e a questão de dar uma retribuição para a universidade, também foram pontos relatados.

- **Cursinho popular como local de formação**

Os cursinhos pré-vestibulares populares acabam se tornando locais de formação, não apenas dos alunos que vão prestar o vestibular, mas também dos discentes dos cursos de graduação que veem nesses locais uma oportunidade de complementar a formação curricular, pôr em prática atividades pedagógicas e ter uma experiência mais profissional na docência, formação essa que, segundo Silva (2007) se dá na prática e no coletivo com os alunos e outros integrantes do projeto, o que será mais evidenciado nos tópicos seguintes.

Compreender que o lócus da formação ultrapassa as fronteiras de qualquer forma que venha a se configurar como espaço específico para que ela aconteça é o primeiro passo para reconhecermos a pluralidade das agências de formação e também dos sujeitos formadores. (Moretti *et. al.*, 2014, p.158-159)

Dessa forma, o PNV mostra que está cumprindo o que propõe de ser um local de formação para estudantes dos mais diversos cursos da UFC, e não apenas para alunos que irão prestar o vestibular.

5.3.3 PNV como primeira experiência na docência

Em relação ao PNV ter sido a primeira experiência na docência, as falas dos entrevistados convergem, inclusive com a minha própria experiência no projeto, no sentido que não foi a primeira experiência...mas ao mesmo tempo foi! Muitos já haviam tido experiências docentes em outros cursinhos, estágio da prefeitura, monitoria, PET, PIBID, dentre outras experiências que perpassavam o ensinar.

Porém, o PNV é colocado como uma experiência contínua, enquanto as outras foram pontuais. Para além disso, os entrevistados evidenciam que a experiência no PNV foi além do ato de dar aula, para muitos foi a primeira vez produzindo um material didático, um plano de aula, planejando aula, trabalhando a interdisciplinaridade com outras áreas e atuando na própria gestão do projeto, além de agora estarem assumindo de fato a postura de professor, não sendo ali apenas um bolsista ou estagiário mediado por um orientador e seguindo um planejamento pré-estabelecido, a figura e a postura do ser professor é algo presente.

O próprio caráter do projeto também é evidenciado pelos entrevistados, sendo essa a primeira experiência em um projeto de caráter popular, que trás consigo a questão da formação social e política, algo pouco vivenciado dentro do ambiente acadêmico.

Professora Elza Freire

“Assim... eu caracterizo o PNV como essa experiência de docência com o público externo...com estudantes da educação básica, mais próxima ao exercício da profissão né...”

“[...] assim, eu considero a experiência do PNV a mais significativa de docência... profissionalmente como uma pré-inserção ali no mundo do trabalho... porque ali a gente tinha momentos de planejamento coletivos, eu tinha consciência de uma intencionalidade para além do próprio ensino de biologia né...envolvia uma questão mais social, também política, tinha seminários as aulas temáticas, a gente fazia atividades interdisciplinares, a

gente entrava também na questão da gestão do projeto porque a gente fazia nossos módulos e as nossas reuniões...essa foi a experiência que mais me aproximou, porque tinha todos esses elementos que depois eu mobilizei na educação básica...”

Professor Paulo Freire

“Foi a primeira experiência com preparação didática, rotina de sala de aula, preparação de conteúdo, interação com outras disciplinas...eu posso dizer hoje que a formação do PNV foi a que me preparou mesmo pra encarar uma sala de aula de verdade.”

Professor Florestan Fernandes

“Assim que eu entrei na universidade eu ingressei como bolsista das bolsas de aprendizagem cooperativa como professor...então o PNV não foi a primeira experiência mas a aprendizagem cooperativa não tem aquele lance de dar aula de fato, era mais articulação de grupos de estudo, de orientação...então a minha experiência de fato com aula foi no PNV.”

Professora Conceição Evaristo

“Não foi a primeira porque eu já tinha estado em sala de aula antes, mas de ter o compromisso, os horários fixos, viver essa parte mais pedagógica assim foi a primeira experiência nesse sentido”

Professora Bell Hooks

“não...eu já tinha vindo do PIBID, então já tinha passado pelo pibid educação ambiental e pibid biologia, já dava aula no uece vest desde 2017 e já tinha sido estagiária da prefeitura no protecnico...então eu já estava bem ambientada com a sala de aula... mas o PNV foi a primeira experiência real que eu tive de trabalhar educação popular na docência, porque no pibid a gente não tinha isso tão forte...então tecnicamente o pnv foi a primeira experiência”

Professora Lélia Gonzales

“Não... foi a minha segunda grande experiência, a primeira foi o PIBID... só que o PIBID era meio complexo porque meio que você é professora meio que não é...e antes do PNV participei do curso de férias do PET... mas o PNV foi a virada de chave assim onde eu já seria professora de fato e não só uma bolsista.”

- **Primeira experiência em Ser professor**

Aqui reforça-se mais uma vez a importância do PNV, como demais outros espaços de formação para além da universidade, mas principalmente os de carácter popular, na complementação da formação de graduandos, tornando-se uma experiência única que dificilmente seria vivenciada no ambiente acadêmico, trazendo esse intercâmbio de experiências com a universidade.

Nessa perspectiva mais ampla de educação, o ato de formar educadores e educadoras populares significa transformar universidades, práticas pedagógicas e pessoas. É tornar as agências de formação mais democráticas, flexibilizando e reinventando currículos para que, de um lado, os estudantes universitários possam fazer escolhas pela educação popular e, por outro, educadores populares integrados a movimentos sociais possam escolher uma formação acadêmica. (Moretti *et. al.*, 2014, p. 161)

- **Carácter formativo social e político**

O carácter político e social evidenciado que o projeto traz incorpora também é um princípio marcante, para não dizer um dos principais da educação popular, já que segundo Freire (2022) a educação é uma forma de intervenção no mundo. A vida em sociedade não se dá de forma desconectada de questões sociais e políticas, e se a escola e os demais espaços educativos fazem parte dessa sociedade, o ensino não pode se dar fora desse aspecto.

5.3.4 Organização e rotina do projeto

Algo que achei interessante de entrevistar pessoas de diferentes períodos é ver o que permanece, o que difere e que esta sempre se (re)construindo no projeto. Além dos professores, o projeto também é formado pelas coordenações, que são cinco: pedagógica, psicológica, financeira e articuladora; em uma época do projeto também existia o coordenador bibliotecário, responsável pela Biblioteca Semente que nasceu junto ao projeto, mas que acabou se perdendo devido a danos em sua estrutura e acervo, e que seguimos na luta para tentar reconstruí-la.

Os professores-bolsistas também são divididos em comissões, que são duas, pedagógica e articuladora, onde essa segunda recentemente ganhou mais um braço que é a comissão logística, responsável por auxiliar o coordenador logístico. As atribuições de cada

coordenação e comissão pode ser encontrada no nosso Regimento Interno (2023) em anexo, bem como as atribuições de cada professor.

Apesar da divisão de atribuições necessária entre professores e coordenação, o PNV tem a proposta de trazer uma gestão democrática e horizontal, onde todos tem voz, vez e voto, inclusive os alunos na figura dos representantes de sala. Questões internas do projeto são discutidas mensalmente nos chamados fóruns, e de forma mais longa e abrangente no regimental (que já recebeu também a denominação de “seminário”), onde é realizado o planejamento semestral e a leitura e atualização do regimento interno. Nesses espaços de discussão, o projeto se propõe a trabalhar com as formações pedagógicas, que serão mais bem discutidas no tópico seguinte.

As aulas são ministradas semanalmente pelos professores, duas noites na semana para cada disciplina. Também é realizado o planejamento das aulas (plano de aula), a produção de material didático (apostilas, listas de exercício etc).

A produção de questões para a realização de simulados, o planejamento de aulas de campo, e aulões preparatórios para o vestibular também são atribuições dos integrantes do projeto. A interdisciplinaridade é algo relatado, e que também experienciei na hora da preparação das aulas, dos aulões principalmente e nas aulas de campo.

O PNV, como evidenciado na fala de um dos entrevistados, é um projeto que está em constante transformação, mudança essas que podem trazer tanto convergências como gerar conflitos entre os participantes.

Mais uma vez o caráter político e ideológico é evidenciado e é uma marca do projeto, não só na gestão e organização em si, como também na prática em sala de aula onde os professores são incentivados e tem a liberdade de trabalhar seus conteúdos de uma forma mais crítica, e não apenas “despejando” informações nos alunos.

Algo que quis dar ênfase esse tópico, é que aqui começam a ser evidenciadas algumas mudanças profundas que o projeto passou no período da pandemia da COVID 19, que trouxe adaptações na organização do mesmo e, conseqüentemente, fez com que os integrantes dessa época vivessem uma experiência bem peculiar se comparado a outros períodos.

Professor Paulo Freire

“[...]Tem a comissão dos alunos né...que como o pnv tem aquela questão da horizontalidade e tal a gente sempre chamava a participação dos alunos e aí tinha os líderes de sala e esses

líderes de sala se reuniam em uma espécie de conselho né, o conselho lá de alunos e aí eles estavam presentes tanto nos seminários e nas discussões eventuais que tinham, eles chamavam reuniões e tudo com as coordenações...[...]e a pedido dos alunos a gente colocou aulões nos finais de semana pra resolver questão e etc...tinha também os simulados e a pedido dos alunos a gente começou a fazer mais simulados também...”

“[...] tinha essa horizontalidade e isso sempre foi muito forte e deixado bem claro desde o momento da seleção até o momento que eu saí...por mais que nem sempre a gente obedecesse essa horizontalidade né...as vezes tinha umas coordenações que passavam por cima das decisões do coletivo...mas são esses momentos que acabam meio que engradecendo e abrindo seus olhos pra poder trazer de volta a horizontalidade que o projeto pretende...”

Professor Florestan Fernandes

[...]não era só aula né...isso tudo além das aulas então pra além das aulas tinha muitas atividades que a gente fazia...então tinha essa questão da articulação com os alunos, com a universidade, entre nós né essa comunicação e era um projeto que se construía o tempo todo né que tava sempre sendo atualizado, o ppp era algo que tava sempre sendo atualizada, o próprio regimento interno...então sempre foi de muita mudança...”

Professora Conceição Evaristo

“[...]Tinha a questão da horizontalidade, mas tinha um movimento até que natural de momentos da gente escutar a gestão... a gente entendia que era necessário uma imposição maior em relação aos professores em alguns momentos se não a galera avacalhava né...”

“havia representantes de turmas e eles participavam de alguns fóruns...os alunos pagavam o módulo e haviam as provas semestrais que os alunos que obtivessem o melhor desempenho ganhavam uma bolsa...”

Professora Bell Hooks

“[...]pra nós a licenciatura era um princípio...que a gente trouxesse licenciados para dar aula e não pessoas de outra área como área da saúde ou engenharias por exemplo...”

“[...]em 2018 foi período de eleição e eu me lembro que a gente do pnv se posicionou politicamente... a gente foi pro pátio levou todos os nossos alunos e fez uma fala política em

defesa da democracia no Brasil...então eu lembro que a gente teve um processo de mobilização que partia dos estudantes também...então acho que isso é muito interessante também, de como o pnv tem uma mobilização política muito esperada... todos os professores se envolviam, mesmo aqueles que não estavam muito familiarizados com o debate político, com a luta política... eles eram muito sensibilizados pelo sentimento geral do cursinho.”

Professora Lélia Gonzales

“[...]mas aí veio a pandemia e todo o restante da minha experiência no pnv foi online...eu lembro que eu tava tentando meio que engatar né essa questão pedagógica, a questão organizacional e a atuação mesmo no projeto e aí veio a pandemia e o projeto passou um tempo parado e quando a gente voltou foi uma coisa mais de fazer a produção de material só...a gente tinha o classroom com os alunos mas aí obviamente vários alunos pararam de frequentar e eu lembro que a gente tinha um modelo de TD que a gente fazia com o assunto dos conteúdos e também das questões e que a gente mandava isso pros alunos e fazia isso duas vezes ao mês se não me engano...aí sempre conversando com a coordenação e eu lembro que tinham muitas reuniões pra resolver as coisas né a questão da logística das nossas bolsas, como o projeto ia funcionar e aí depois de muito tempo, porque a gente tinha que seguir as diretrizes da ufc né digamos assim, a gente decidiu que ia começar a ter aula online, mas se não me engano demorou um pouco pra acontecer...se não me engano elas começaram em 2020...”[...]Lembro que era o dia inteiro eu na frente do computador...eu lembro muito de fazer slide, transmitir tela e dar aula com sei lá 3 ou 4 alunos...tinha toda aquela questão de internet que aí ela caía ou o computador travava e todas essas questões...aí era essa dinâmica assim preparar aula, fazer slides, mandar link, poucos alunos que não falavam muito não participavam muito...as vezes resolvia questões às vezes não...eu lembro de ter que dar aula de vírus na pandemia foi bem marcante isso...”

- **Horizontalidade**

A horizontalidade, tanto na relação professor-aluno como na relação aluno-projeto e entre a própria coordenação-professores, evidenciada pela fala dos entrevistados, é algo muito presente no PNV e é mais um aspecto de educação popular que pode ser evidenciado no projeto. Essa gestão horizontal vai em contrapartida da relação verticalizada encontrada principalmente em escolas, tanto públicas como privadas, onde temos a figura máxima do diretor e do coordenador no processo de gestão, como também a relação vertical entre

professor e aluno, em que o primeiro comanda o ambiente de aprendizado e outro está ali de forma passiva e sem muita interferência na tomada de decisões. Essa dimensão participativa é algo muito importante e que também faz parte da formação desses educadores, e dos alunos.

A dimensão educativa da participação proporciona várias experiências educativas, que constituem o pedagógico do movimento que, em seus procedimentos e rituais, desenvolvem uma didática que compõe uma pedagogia comunitária, que nasce da ação dialógica dos sujeitos. Todo e qualquer projeto pedagógico, ou proposta de educação, e todo e qualquer ato educativo são, fundamentalmente, ações políticas, ou seja, o educador, ao definir determinada metodologia de trabalho, planeja, decide e produz determinados resultados formativo-educacionais que acarretam consequências na vida dos educandos e na sociedade em que educador e educandos se encontram. (Moretti *et. al.*, 2014, p. 93-94)

A presença da horizontalidade não significa, contudo, a ausência dos conflitos, sendo esse um elemento sempre presente e essencial nos processos democráticos. Os conflitos também possuem uma dimensão educativa, quando levados de uma forma profissional e respeitosa, pois ele vai gerar debater e tentar achar soluções para os problemas que vão surgindo. Moretti *et al.* (2014) diz que não é possível viver sem os conflitos, pois eles caracterizam a nossa existência individual e coletiva, e que a educação popular se (des)constrói com coletividade, mas também com singularidades, assim:

Nessa lógica, a dimensão dos conflitos está ligada a diversidade, entendendo que, se há possibilidade de escolha, há possibilidades de conflitos. O fato de o conflito estar ligado à diversidade nos permite percebê-lo não somente como problema, como também como oportunidade de crescimento, meio pelo qual posamos alcançar novos patamares de existência e convivência. (Moretti *et al.*, 2014, p. 169)

Ainda falando em conflitos, um ponto que achei interessante, e bem diferente da proposta do projeto, foi relatado pela professora Conceição Evaristo, que falou de provas semestrais que eram realizadas e onde os alunos que obtivessem as melhores notas ganhavam uma bolsa, sendo isentos da taxa de pagamento do cursinho. No período em que atuei, essas bolsas eram ofertadas levando em consideração a renda do estudante, e não seu desempenho. Essa ideia de “melhor desempenho” parte muito do princípio da educação bancária que hierarquiza o conhecimento dos alunos, baseado em suas notas, que não necessariamente refletem a capacidade ou esforço do estudante. Então isso mostra que mesmo o PNV trazendo a proposta de educação popular, muitas vezes pode destoar dessa ideia com atitudes tanto individuais como coletivas de seus participantes, e tudo isso pode ser conversado e mudado devido a esse processo horizontal.

- **Formação interdisciplinar**

A interdisciplinaridade também é evidenciada pelos professores no momento de planejamento, onde as disciplinas tentam conversar entre si e trabalhar o conteúdo de uma forma mais integrada. Esse enfoque interdisciplinar, além de ampliar os horizontes da prática pedagógica dos docentes, promovendo esse intercâmbio de saberes, também é importante quando se fala de vestibular, visto que o ENEM trabalhar muito a integração das disciplinas em suas questões. Logo, tudo isso se torna um ponto positivo tanto para a formação dos professores que vão ter uma experiência que muitas vezes não é trabalhada em seu processo de formação na universidade, já que muitos professores trabalham os conteúdos de forma fragmentada e descontínua (Silva, 2007) e também para os alunos, que podem constatar a natureza interdisciplinar da ciência.

- **Licenciatura como um princípio**

Uma característica importante, e até mesmo um diferencial do PNV quando se compara com outros cursinhos, é ter a licenciatura como um princípio. O que quer dizer que a preferência na seleção de professores é sempre dada para estudantes de licenciatura, justamente para oportunizar essa formação docente já comentada. É possível, eventualmente, abrir exceção para o bacharelado, quando não se candidata alguém na licenciatura, ou outros cursos como as engenharias, o que muitas vezes ocorre nas disciplinas de exatas devido a grande ausência de candidatos da licenciatura nessas áreas nos processos seletivos.

- **Formação política**

A posição política, evidenciada de forma evidente na fala da professora Bell Hooks, também é uma marca do projeto e da educação popular em si. Assim, segundo Moretti *et. al.* (2014, p.88) “Segundo objetivos da educação popular, a ação educativa do educador popular está vinculada ao movimento de lutas e resistência social.” Dessa forma:

a educação não vira política por causa deste ou daquele educador. Ela é política. Sendo assim, a educação popular é vista como fonte de produção do conhecimento altamente carregada de intencionalidade. Pela primeira vez se estabelece um vínculo entre educação e política, e educação e luta de classes. (Maciel, 2011, p. 340)

Dessa forma, se o projeto se propõe a trazer uma educação popular, deve ter uma base político-ideológica consolidada e que esteja ao lado das classes oprimidas, lutando com elas e para elas.

5.3.5 Formações pedagógicas

Já vimos que, segundo Freire (2022) o professor é um sujeito que deve se comprometer com a sua formação, se reconhecendo como incompleto e alguém que está sempre aprendendo. Uma das propostas do PNV é realizar formações pedagógicas para os professores, que, analisando a fala dos entrevistados sobre esse tema, observei que esses momentos estavam mais concentrados em processos seletivos, e nos seminários/regimental, não sendo algo tão sistematizado e frequente.

O caráter formativo também se evidencia em momentos coletivos, nas próprias reuniões, em que mesmo não tendo uma formação propriamente dita, com uma pessoa a frente, ela vai ocorrendo de forma integrada, com acompanhamento dos coordenadores pedagógicos e na troca de experiências com os demais docentes.

- **Formações sistematizadas e dimensão pedagógica dos momentos coletivos**

As formações, sejam elas sistematizadas ou difusas nas práticas cotidianas, são de extrema importância para a troca de saberes e experiências, e para promover a reflexão sobre a prática no professor, o que Paulo Freire chama de *práxis* (Freire, 2023).

Um processo de formação ou autoformação ou ainda autoformação recíproca deve se ocupar de educar o educador e a educadora para a participação. Um educador ciente de que um processo de formação implica em estar aberto para alterar conceitos, por vezes nunca questionados, sugere que precisamos estar pré-dispostos á mudança para alterar aquilo que a gente tem como “algo certo”. (Moretti *et. al.*, 2014, p. 164)

Através dela é possível discutir sobre o que já foi feito, como foi feito, mudar o que for necessário e traçar novas estratégias na prática docente, é “o movimento contínuo de buscar aprender, ensinar, lutar e transformar” (Moretti *et. al.* p. 176), característica essencial para um educador popular.

5.3.6 Relação com os alunos

Mesmo sendo um cursinho pré-universitário, o que supõe que estejam presentes ali alunos do ensino médio, pude perceber durante meu período de atuação que o perfil de discentes do PNV é bastante diverso, englobando também pessoas que já saíram na escola a bastante tempo, inclusive pessoas idosas. Mas o perfil mais recorrente nesse espaço é de jovens e adultos.

Algo muito presente na fala dos entrevistados, quando questionados sobre a relação com os alunos dentro e fora da sala de aula, é a proximidade etária com os alunos, sendo próxima com muitos e favorecendo essa relação.

Também achei muito interessante na fala dos professores que, pela diversidade de faixa-etária, o PNV também se tornou um espaço de formação no sentido de amadurecer as relações interpessoais. Mesmo a relação entre ambas ser horizontal, na sala de aula o professor possui um certo respaldo, que muitas vezes pode ser desrespeitado por alguns alunos. Então aí entra o desafio do educador popular em se tornar um professor que tem uma autoridade em sala de aula, mas que não é autoritário (Freire, 2022).

Todos os professores relataram ter uma relação muito próxima e de muito respeito com alunos, alguns destes que eles têm contato até hoje. O ambiente do projeto é considerado um local não só profissional, no sentido da aula em si, mas também de integração, que ocorria dentro da própria sala de aula, mas também em outros espaços como a sala dos professores, o próprio pátio da história, nas festas comemorativas de São João, *Halloween* e etc, e até mesmo fora do projeto.

- **Professor autoridade x autoritário e amadurecimento de relações interpessoais**

Mesmo em um ambiente de cursinho popular, o professor, que deve saber escutar, respeitar e ter em mente que ele também tem muito o que aprender com os alunos, jamais ele deve ser permissivo e nem deixar de gerenciar o espaço da sala de aula (Nascimento, 2006).

Freire (2022) diz que o educador popular não deve permitir que a indisciplina e uma liberdade mal centrada cause um desequilíbrio no contexto pedagógico de ensino-aprendizagem, mas ele o faz sem ser autoritário.

A partir do legado freiriano (amorosidade, diálogo, companheirismo, generosidade, compromisso, ética, estética...), o educador e a educadora terão as ferramentas teóricas para construir relações de autoridade na perspectiva da horizontalidade, de estar próximo ao outro, rompendo com as concepções verticalistas, tão presentes nos sistemas educacionais. (Moretti *et. al.*, 2014, p. 166)

Dessa forma, o PNV além de contribuir na formação no caráter político-pedagógico, também cria essa oportunidade de amadurecer as relações interpessoais, de saber, como muito bem falado por um dos entrevistados, que a partir do momento que a palavra “professor” é designada a nós, ela traz uma responsabilidade, e que com ela devemos aprender a impor a nossa autoridade em sala, mas sendo éticos e respeitando a autonomia dos alunos.

Preciso destacar uma fala de uma das entrevistadas, que é algo que também ocorreu comigo e que acredito que com a maioria dos professores que estão em formação, que é o medo dos alunos fazerem perguntas e você não saber responder. Sobre isso, Freire (2022, p 94) diz: “Se perguntado por um aluno sobre o que é *Tomar distância epistemológica do objeto*, lhe respondo que não sei, mas que posso vir a saber, isso não me dá a autoridade de quem conhece, me dá a alegria de, assumindo minha ignorância, não ter mentido.” Dessa forma, o professor, admitindo que está em constante aprendizado, não é esse ser superior que detém todo o conhecimento de sua área, e admitir que não sabe algo, buscando aprender mais não o torna menos competente, pelo contrário.

- **Respeito e Amorosidade**

Freire (2022) fala também sobre a amorosidade, afetividade e o querer bem aos estudantes. Essas palavras, proferidas em um ambiente de ensino tradicional, verticalizado e autoritário poderia soar de uma forma estranha, já que é comum associar a imagem do professor a algo que está “acima”, uma pessoa que deve ser fria, distante, mantendo assim uma falsa imparcialidade na relação com os alunos, e fugir disso seria visto como uma atitude antiprofissional.

Ele diz ainda que é necessário “descartar a falsa separação radical entre seriedade docente e afetividade” (Freire, 2022, p.138), pois eu ser um professor mais rigoroso e distante dos alunos, não significa ser um professor melhor.

Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente

permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor, no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem-querer que tenho por ele. (Freire, 2022, p. 138)

Porém, essa aproximação, como já mencionado, não deve dar espaço a permissividade, mas deve favorecer a boa relação entre educador-educando, muitas vezes favorece o processo de ensino-aprendizado, visto que o professor deixar de ser a figura do qual o aluno tem medo, mas que pode confiar e ter a abertura necessária ao andamento da prática docente.

5.3.7 Contribuições do curso de graduação

Quando questionados sobre a contribuição do curso de graduação para a prática realizada no PNV, grande parte dos entrevistados relatou que a maior dificuldade é de fazer a tradução daquele conteúdo biológico para a sala de aula, de uma forma que faça sentido e contribua para o aprendizado dos alunos.

As disciplinas didáticas que mais auxiliaram, segundo os professores, foram as Instrumentalizações para o Ensino de Ciências (IPEC'S). A entrevistada de 2001 relata que sentiu falta de uma disciplina que fizesse essa articulação e, fazendo uma análise rápida do currículo do curso de Ciências Biológicas na UFC, pude observar que no de 1988 as IPEC's ainda não estavam presentes, vindo a tornar-se no currículo de 2006, sendo cinco no total, com 64h cada. Antes disso, havia a Prática de Ensino em Ciências Biológicas I e II, cada um com 128h e a Prática de Ensino em Biologia I e II, com 96h cada. Essa divisão entre as IPEC's pode ter favorecido essa articulação entre conteúdo biológico e prática docente, já que nelas estudamos sobre currículo, práticas pedagógicas, teorias pedagógicas, elaboração de projetos e etc que, aliado a própria prática no PNV, contribuem para a formação no magistério.

Um dos entrevistados também relatou a importância próprias disciplinas biológicas, que foram essenciais para dar o embasamento teórico necessário para esse conhecimento ser traduzido em sala de aula, reforçando a importância da teoria, tanto específica do curso, como a pedagógica na formação docente.

E mais uma vez as experiências práticas na faculdade, como monitorias, PET, PIBID, os próprios estágios e práticas das disciplinas, por mais que sejam experiências pontuais, também tiveram relevância para os professores que participavam de tais projetos e faziam esse intercâmbio entre essas práticas na universidade e na rotina do cursinho, às vezes até usando o PNV como “laboratório” para trabalhar atividades diferentes propostas em disciplinas.

Professora Elza Freire

“Eu considero que sim a minha formação contribuiu aprendi muita biologia nesse curso da ufc..., nas disciplinas de educação também conheci teóricos importantes, mas na minha época não havia muito essa interrelação entre essas áreas...aí no PNV a gente foi desafiado a fazer essas relações porque a gente tava lidando ali com o ensino em movimento, com os estudantes né, então talvez não de uma forma muito consciente mas a gente acabava mobilizando alguns modelos de professores, algumas práticas, algumas posturas aí a gente ia constituindo a nossa docência...”

Professor Paulo Freire

“Olha... as disciplinas de caráter pedagógico eu posso dizer que em parte... porque é aquela coisa né ela nunca vai conseguir abarcar aquela realidade como um todo... um empecilho que eu acho das disciplinas pedagógicas que a gente tem é a de poucos professores que a gente tem terem dado aula fora do ambiente universitário...uma coisa que ajuda muito na prática e que me ajudou muito no PNV foram as disciplinas específicas da biologia...”

Professor Florestan Fernandes

“Sim... eu entrei no PNV eu tava mais da metade do curso, lá pro 5º semestre... então eu já tinha tido as instrumentalizações e acho que as discussões nessas disciplinas sobre modalidades didáticas, avaliação, pedagogia de projetos foram muito importantes para mim na construção da minha prática dentro do PNV...refletir sobre essas questões para não chegar na sala só repetindo as práticas que eu tinha tido como aluno...”

“[...]é uma via de mão dupla assim... o meu curso de graduação me permitiu construir uma prática la no PNV e o PNV me ajudou a refletir melhor sobre os conteúdos que a gente via

nas disciplinas...”

Professora Conceição Evaristo

“Assim... como eu entrei no PNV junto com a entrada na licenciatura eu não tinha feito nenhuma disciplina pedagógica ainda, a gente foi caminhando junto...pra trás o que me ajudou um pouco foram as disciplinas de IPEC... fiz até a 3 eu acho... e elas me ajudaram na questão das estratégias que eu podia adotar de vez enquanto...a monitoria e o pet também me ajudaram...”

Professora Bell Hooks

“Acho que o conteúdo teórico com certeza né...apesar de que acho que a gente precisava fazer uma tradução né então assim... o que a gente aprendia na universidade não dava pra aplicar do jeito que a gente aprendia então precisava ter essa tradução pedagógica dos conteúdos...sobre as disciplinas pedagógicas acho que as IPEC’S contribuíram mais...”

Professora Lélia Gonzales

“Eu acho que contribuiu sim...porque a gente tem as disciplinas pedagógicas que elas são essenciais...meu curso de graduação me permitiu entrar no PIBID que também foi uma experiência necessária...mas eu acredito que o mais essencial mesmo tenha sido IPEC 4 com a pedagogia histórico crítica, aprendizagem significativa, Paulo freire...”

- **Articulação entre conteúdo biológico e prática docente**

Ter um currículo que faça esse intercâmbio entre teoria e prática é essencial para a formação de um professor, porém, só isso muitas vezes não é o suficiente. Siqueira *et. al* (2007) diz que a prática que os licenciandos tem em seus cursos de graduação ainda está muito enraizada na ideia de transmissão-recepção de conhecimentos. Isso reflete no processo de aprendizado no sentido de que esses alunos chegam nas disciplinas esperando encontrar uma fórmula pronta de como atuar em sala de aula. A prática na educação popular trás o diferencial para o educando pois ela reconhece a dialogicidade na construção do aprendizado, tanto do professor, como do aluno que, aliada a *práxis* Freire (2022) fala da “dodicência” (docência-discência) e a pesquisa, indicotomizáveis que são essenciais para o ensino-

aprendizado. Logo, um professor comprometido não deve desistir de estar sempre estudando e se atualizando. Dessa forma:

Compreender que o lócus da formação ultrapassa as fronteiras de qualquer forma que venha a se configurar como espaço específico para que ela aconteça é o primeiro passo para reconhecermos a pluralidade das agências de formação e também dos sujeitos formadores. (Moretti *et al.*, 2014, p. 158)

Finalizando esse tópico Leite *et al.* (2017) diz que o professor de Biologia, e acrescento aqui, o professor de Biologia que se proponha a trabalhar a educação popular, é responsável pelo ensino de conteúdos biológicos, para que os alunos possam compreendê-los e trabalha-los de forma crítica, ética e com responsabilidade, o que é aprendido não só nas disciplinas curriculares, mas também em contextos extracurriculares.

5.3.8 Noção de Educação Popular antes do PNV

Quando questionados sobre quais os entendimentos eles tinham sobre a educação popular antes de ingressar no PNV, os entrevistados relataram, em sua maioria, não ter muito conhecimento do assunto, e relacionando muito aquela ideia de educação acessível, no quesito financeiro. Para além disso, dois dos entrevistados, que já haviam tido experiência em movimento social ou de projetos que envolviam cursinhos populares, já tinha esse entendimento da horizontalidade, como uma educação que leva em consideração o saber dos educandos, gerando um intercâmbio de saberes. Mas com a prática puderam elaborar melhor durante o período de atuação no projeto.

- **Educação acessível**

Um dos princípios base da educação popular, falando especificamente de cursinhos que trazem essa proposta, é de ser acessível e até mesmo gratuita, pois é uma educação voltada para as classes populares. Porém, só isso não caracteriza a educação popular, possuindo essa diversas outras práticas e princípios que já vem sendo e continuaremos discutindo nesse trabalho.

- **Intercâmbio de saberes**

Dito isto, uma outra característica importante da educação popular, mencionada por alguns dos entrevistados é o de reconhecer o saber os educandos, de proporcionar um ambiente horizontal, de saber escutar e aprender. Assim “a principal característica da educação popular é utilizar o saber da comunidade como matéria-prima para o ensino” (Moretti *et al.* 2014, p. 82).

5.3.9 Noção de Educação Popular pós PNV

Analisando a fala dos entrevistados é possível notar que a percepção de educação popular dos entrevistados se ampliou de forma considerável após a passagem no PNV. Além da ênfase na importância e na necessidade de trazer essa educação de uma forma mais intencional e sistematizada para os contextos educacionais. A horizontalidade no processo de ensino-aprendizagem é algo que volta a ser destacado, além da perspectiva político-social, a promoção da criticidade e de intervenção no mundo, e também de ser reconhecida como uma forma de empoderamento/libertação e de reparação histórica da/com as classes populares excluídas do processo educativo.

Uma observação interessante destacar, levantada por uma das entrevistadas, é em relação a dificuldade de aplicar a educação popular em sua plenitude no ambiente formal de educação, onde o PNV também se insere. Dificuldade que se dá por diversos motivos, no caso do projeto, a própria realidade sufocada em que ele vive, onde a questão financeira de manutenção do cursinho é algo que dificulta o seu andamento, e também pela questão de que o PNV ainda é um cursinho, onde o objetivo principal é preparar pessoas para o vestibular. No contexto da educação nas escolas, aqui falo principalmente de escolas públicas, local de atuação da maior parte dos professores entrevistados, é a questão da própria cobrança da escola em cumprir um cronograma e exigir um certo desempenho por parte de professores e alunos, e muitas vezes até dos próprios estudantes que preferem um ensino mais tradicional, pois é mais cômodo.

Professor Paulo Freire

“A educação popular é importante...quem trabalhou com educação popular sabe a importância dela...mas que é muito difícil aplicar no sistema atual de uma forma efetiva...já

vi ser mais aplicado em questões de comunidade...”

“[...]eu vejo que é necessário mas por questões de realidade ele perdeu o caráter...a própria realidade do PNV é uma realidade sufocada pois encontra barreiras estruturais e econômicas, das pessoas que fazem parte dele...são poucos alunos que veem no pnv algo que realmente é importante para a comunidade, eles veem como um cursinho...”

“[...]a educação popular é necessária para a tomada de consciência...o que eu percebi depois que sai do PNV é que a educação popular permite isso tanto no caráter formador de quem da aula como no do aluno...ela é importante para perceber a nossa realidade educacional e nos colocar não só como questionadores dessa realidade mas aprender a cobrar o que precisa ser mudado, principalmente pra nós professores.”

Professora Bell Hooks

“Eu acho que a gente tem uma visão da educação popular que muitas vezes é equivocada no sentido de olhar para todos os espaços educativos e achar que da pra aplicar de todo jeito e não dá devido a várias limitações...o que da pra fazer é pensar na horizontalidade como um mecanismo de atuação...vamos ser mais justos, mais democráticos mais participativos...fazer com que o aluno se perceba naquele processo, que ele não se veja como um ser entrincho em que o professor manda e eu só obedeço...nesses termos da pra trabalhar mais a educação popular, se colocando ali numa horizontalidade e diálogo... nos termos de conteúdo não dá porque o conteúdo e o tempo não nos permite...então tem essas limitações...”

“[...]O PNV é uma questão... você tem que trabalhar a educação popular mas você não pode substituir ou não pode colocar o método por cima do conteúdo teórico, porque é um cursinho, e as pessoas tem interesse em passar no vestibular...então não da pra trabalhar a educação popular no ritmo que muitas vezes a educação popular teoriza...então um debate mais horizontal, mais circular, uma aprendizagem mais coletiva... o cursinho é uma seleção de alguma maneira...se eu tento deixar todo mundo no mesmo parâmetro, eu não vou formar ninguém, ninguém vai ta pronto pro vestibular...então eu preciso muitas vezes trabalhar em um ritmo que parte deles estão acompanhando e parte tem uma dificuldade...então muitas vezes a gente sabe que um conteúdo não ta saindo 100% daquela sala...se a gente tivesse

uma educação popular de fato numa EJA ou escola eu teria que regredir um pouco mais no conteúdo para deixar todo mundo mais ou menos equalizado, no cursinho eu não posso fazer isso, porque se não eu não vou sair da citologia por exemplo que é um assunto difícilimo e muito abstrato...então o cursinho tem uma limitação... eu não posso usar pra uma forma com a gente usa educação popular num cursinho, isso seria muito ruim para os próprios alunos...então tem momentos que eles vão estudar sozinhos, vão ter que resolver questões sozinhos e é o momento que eu tenho livre para poder acolhe-los e fazer questões com eles, tirar dúvidas...então assim, contribuiu com meu entendimento teórico, com minha flexibilidade prática mas eu não podia... eu tinha consciência que eu não podia aplicar exatamente como eu gostaria como a educação popular se fundamenta...”

“[...]hoje quando eu sai do PNV eu entendi que a educação popular é importante como princípio pedagógicos, mas ela é limitada como princípio de longo prazo na educação formal.”

- **Perspectiva político-social**

Já foi mencionado diversas vezes nesse trabalho a amplitude da educação popular, que pode ser trabalhada em contextos formais e não-formais de ensino e que trás consigo a perspectiva de trabalhar o contexto social e político dos educandos, levando em consideração as suas realidades e seus saberes prévios, sendo essa forma ampliada de conceber a educação, que vai muito além do conteúdo teórico, trazendo uma formação humana e voltada para as classes populares (Assumpção *et al.*, 2009)

- **Forma de intervenção no mundo**

A educação, como diz Freire (2022) é uma forma de intervenção no mundo, pois é uma especificidade humana, e pode trabalhar tanto para reforçar a ideologia dominante como para desmascará-la. Dessa forma ela pode servir para empoderar ou enfraquecer, criticar ou aceitar, mobilizar ou desmobilizar.

- **Ferramenta de libertação/empoderamento**

Um outro aspecto da educação popular e, na minha opinião pessoal, um dos mais bonitos e que mudou radicalmente minha forma de ensinar e aprender, é o da educação como

libertação/empoderamento. Por ter esse caráter, é que por tanto tempo essa educação foi negada para as classes historicamente desfavorecidas, e até hoje o é de certa forma. Bell Hooks em *Teaching Community: A pedagogy of Hope* (2003), onde um capítulo se encontra traduzido no livro *Educação Contra a Barbárie* (Cássio *et. al.*, 2019) diz que o aprendizado precisa ser entendido como uma experiência que enriquece a vida em sua integridade. Ainda nesse livro capítulo a autora cita Palmer que diz:

A educação em seu melhor – essa profunda transação humana chamada ensino aprendizagem – não é só sobre conseguir informações ou conseguir um emprego. Educação é sobre cura e integridade. É sobre empoderamento, liberdade, transcendência, sobre renovar a vitalidade da vida. É sobre encontrar e reivindicar a nós mesmos e nosso lugar no mundo. (Palmer, 1999, p.15-31, *apud* Cássio *et al.*; 2019, p. 201)

- **Limitações na educação formal e flexibilidade prática**

Em espaços formais de ensino, porém, a educação popular pode encontrar diversos obstáculos que vão dificultar e até mesmo impedir que ela seja realizada em sua plenitude. A prática plena da educação popular muitas vezes exige um tempo que não é proporcionado nesses espaços, devido a exigências e cobranças inerentes aos locais de educação formal. Porém, ela pode contribuir na formação docente proporcionando uma flexibilidade prática que pode ser inserida mesmo nesse ambiente de grande pressão produtiva, assim:

É preciso discutir e propor objetivos, conteúdos e métodos de ensino de Biologia que permitam preparar os estudantes para as exigências do mundo competitivo em que vivemos, sem, no entanto, perder de vista do papel social deste ensino, que está relacionado com a formação para o exercício pleno da cidadania. (Silva, 2007, p. 11)

Várias dessas “brechas” que a educação popular pode encontrar para atuar na educação formal forem evidenciadas nos tópicos anteriores e vai ser ainda mais no próximo e último tópico.

5.3.10 Atuação na docência e contribuições do PNV

A relação dialógica com os estudantes, a construção de uma relação horizontal e de respeito é algo que o PNV proporcionou e proporciona em seu espaço, e é algo que é muito

evidenciado pelos entrevistados quando questionados sobre o que levaram do projeto para a sua prática docente.

A capacidade de refletir sobre a prática, saber se reinventar e buscar sempre aprender com os acertos, mas também com os erros, a própria experiência de ter dado aula para um público diverso, de fazer planejamento, preparar material didático, tudo isso foi proporcionado a esses professores pelo cursinho, o que ressalta a sua importância na formação de estudantes de licenciatura.

Entender a dimensão política da educação, estimular o pensamento crítico, criar uma boa relação com os alunos e saber escutar também foram pontos desenvolvidos no projeto e que são levados até hoje em suas vidas profissionais.

Professora Elza Freire

“Do PNV eu trago essas experiências dessa relação com os estudantes...procuro sempre manter essa via do diálogo...me ensinou fortemente o que é o processo de ensino aprendizagem...isso de fazer o planejamento de ver o que deu certo e o que não deu e tentar procurar o caminho para que eles consigam construir o aprendizado...aprendi a respeitar o universo de cada um pois vi no PNV muitos perfis”

Professor Paulo Freire

“O que levei do PNV foi a questão da experiência em sala de aula que foi crucial pra hoje em dia eu conseguir ter domínio de sala, principalmente em turmas de pessoas bem mais jovens...a questão da autorreflexão sobre a prática e trabalhar a conscientização dos alunos.”

Professor Florestan Fernandes

“O PNV me traz essa dimensão política dentro da educação e do próprio serviço público...passa por esse trabalho de formação também fora do próprio conteúdo da biologia...”

Professora Conceição Evaristo

“Carrego sim muita coisa do PNV... agora foi um baque grande porque você sair de um projeto lindo que é o PNV pra dentro da escola particular você leva muita porrada que

infelizmente vão te colocando dentro da caixa”

“[...]com o tempo você consegue ir equilibrando...consegue entender que não da pra ser como era no projeto mas que algumas coisas você consegue conservar...acho que o principal que eu trago ainda hoje da minha experiencia com o PNV é essa questão da relação com os alunos...acho que é importante os alunos gostarem de você, é uma estratégia que eu tenho para puxá-los pra minha disciplina...”

[...]mas isso eu to falando da parte filosófica da história... mas lá eu aprendi a elaborar material, essa parte mais operacional eu aprendi lá, fazer planejamento, slide...então tudo mesmo eu comecei no pnv.”

Professora Bell Hooks

“[...]mas acho que eu levo dessa prática pedagógica que eu aprendi no PNV essa questão da escuta ativa...que os alunos são participes do processo de educação...”

Professora Lélia Gonzales

“Eu ainda atuo como professora em uma escola...assim acho que o pnv foi um dos degraus que eu percorri para ser a professora que eu sou hoje...acho que muito no sentido de validar a minha escolha pela docência porque teria sido muito diferente se eu tivesse ido pra outro cursinho, com outra perspectiva...então o pnv foi uma das minhas conquistas assim...antes eu desprezava um pouco pelo fato de ter sido virtual, mas foi uma experiencia necessária porque eu tive uma vivencia de ser professora na pandemia que eu não teria tido em nenhum outro lugar.. foi um dos primeiros degraus e eu sou muito feliz em ter feito parte e ter ajudado o projeto a não morrer...”

Muitas das categorias desse tópico já foram discutidas, mas gostaria de voltar em algumas que foram pontos marcantes que os entrevistados levam na sua prática hoje, e que são resultado da experiência do PNV:

- **Reflexão sobre a prática**

A *práxis*, como já mencionada, é a reflexão sobre a ação (Freire, 2022), que é fundamentada na criatividade, no diálogo, na conscientização e na ação (Carvalho, 2017)

Refletir sobre a sua prática docente é uma característica fundamental para o educador, ela permite traçar novos caminhos para que os alunos consigam construir o seu aprendizado de forma mais efetiva, e também que o professor consiga sempre reinventar suas formas de dar aula para não cair nas armadilhas do ensino tradicional.

- **Educação para a criticidade e dimensão política**

A formação crítica e a dimensão política da educação também devem estar sempre presentes com o educador popular, e é uma característica que foi, de certa forma, incentivada nos professores que passaram pelo PNV, que tentam levar essa perspectiva em seus locais de atuação. Ter essa dimensão faz com que o professor consiga ministrar suas aulas levando os alunos sempre a questionar, e ir além do conteúdo por si só.

A criticidade, segundo Freire (2022) não é despertada de forma automática, e deve ser estimulada pelo educador:

Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípua da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita e indócil. (Freire, 2022, p. 33)

- **Escuta ativa/Dialógica**

Saber escutar os alunos, trazer para a sala de aula a dimensão da dialógica, é outra prática importante para o educador popular. Horizontalizar o saber, e criar um ambiente onde o aluno possa se expressar da sua maneira, trazendo suas vivências, traz benefícios para a própria relação professor-aluno, favorecendo o ensino aprendizagem no momento em que deixa de falar *para* o educando e começa a falar *com* ele. Assim:

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isso não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isso não seria *escuta*, mas autoanulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das ideias, Como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura. Precisamente porque escuta, sua fala discordante, sendo afirmativa, porque escuta, jamais é autoritária. (Freire, 2022, p. 117)

Com esses resultados é possível ver que o PNV vem cumprindo um papel importante não só na democratização ao ensino superior, mas também na formação de professores, sendo uma complementação à formação curricular.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicio as minhas considerações finais dizendo que esse trabalho, por mais que eu tenha elaborado e escrito, ele não é só meu. Na verdade, ele é mais do PNV do que meu, pois é uma forma que achei de retribuir todo o aprendizado, as relações que construí, as vivências que tive e que me formaram como estudante de licenciatura e também como gente.

Busquei investigar se o PNV é realmente esse espaço que se propõe, de formação integrada onde os saberes se mesclam criando um ambiente de aprendizado mútuo entre seus participantes, sejam professores, coordenadores ou alunos. E também se ele vem contribuindo de alguma forma na formação complementar de estudantes de graduação.

De fato, tanto pela minha experiência, que digo foi uma sensação diferente reviver e escrever sobre tudo isso, tanto pela dos professores entrevistados, é possível evidenciar uma contribuição que foi além da prática docente em si. Foi a primeira vez para muitos de estar em uma sala de aula como professor, de elaborar material, de participar da própria gestão do projeto, foi um local de amorosidade, onde relações importantes foram tecidas, incluindo as relações interpessoais professor-aluno, e um local de formação diferenciada. Diferenciada no sentido de proporcionar um processo de ensino-aprendizagem que vai além do ensino de Biologia, e além da sala de aula em si, e que muitos não teriam vivenciado isso em outros espaços, inclusive dentro da universidade. Dessa forma, os objetivos propostos no trabalho foram alcançados.

Outros pontos importantes evidenciados nesse trabalho foram de que forma o curso de Ciências Biológicas vem contribuindo na formação de professores, se sua estrutura curricular de fato está tendo uma relevância. De fato, o curso, tanto com suas disciplinas curriculares, como com projetos/bolsas voltadas para docência, vem contribuindo de forma significativa na formação de professores. Também foi evidenciada a questão de entender de onde vem a aversão dessas pessoas a licenciatura, o que é algo que pode ser bem melhor investigado por outros trabalhos que se proponham a isso.

A maior dificuldade encontrada no trabalho foi na parte de fazer uma triagem na fala dos entrevistados, assim como separar as categorias. Ao mesmo tempo as entrevistas foi o melhor momento, pois pude conhecer mais sobre o projeto que participo através das experiências de outras pessoas.

Como eu já havia mencionado em meu relato, só o fato de o PNV insistir em existir, mesmo com todas as dificuldades, muitas vezes impostas pela própria UFC, já é um ato político de resistência. Além da formação de graduandos, ele insere os alunos de escola pública no ambiente universitário, mostrando a sua importância, mas também as suas contradições, e incentivando os mesmos, antes mesmo de entrar na universidade, a lutar por ela, sendo assim um projeto de enorme relevância social e política.

Concluo dizendo que eu espero que os trabalhos sobre o PNV não terminem aqui. Ainda tem muito o que se resgatar do projeto, muito mais para ser construído e divulgado, mantendo assim a sua memória viva.

REFERÊNCIAS

- ASSUMPÇÃO, Raiane *et al.* **Educação popular na perspectiva freiriana**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2017.
- CAMPO, Matteus Lirio. **Os professores de Biologia em pré-vestibulares populares: percepções sobre o fazer docente**. 2019. 52 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- CÁSSIO, Fernando *et al.* **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CASTRO, Clóves Alexandre de. **Cursinhos alternativos e populares: movimentos territoriais de luta pelo acesso ao ensino superior público no Brasil**. 2005. 114 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. 74. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 86. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire e a educação popular**. Proposta, Rio de Janeiro, v.31, n.113, p.21-27, jul./set. 2007.
- GASKELL, George *et al.* **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.
- LEITE, Paula Rayanny Mendonça *et al.* O ensino de Biologia como uma ferramenta social, crítica e educacional. **Rech- Revista Ensino de Ciências e Humanidades**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 400-413, jun. 2017.
- LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em revista**, v. 31, p. 17-44, 2015.
- MACIEL, Karen de Fátima. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 327-344, jun. 2011.

MARTINS, Lucas de Almeida. **Uma narrativa crítica sobre a possibilidade da influência de Freire no ensino de Biologia**. 2022. 38 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

MENDES, M. T.. **Cursinhos populares pré-universitários e educação popular: uma relação possível?**. In: XI Fórum de Leituras Paulo Freire, 2009, Porto Alegre. Anais do XI Fórum de Leituras Paulo Freire, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MORETTI, Cheron Zanini *et al.* **Educação Popular e Docência**. São Paulo: Cortez, 2014.

NASCIMENTO, Tatiana Galieta *et al.* Articulações entre o enfoque CTS e a pedagogia de Paulo Freire como base para o ensino de Ciências. **Convergência**, Toluca, v. 13, n. 042, p. 95-116, set. 2006.

OLIVEIRA, Elizabeth Serra. Movimentos sociais e educação popular no Brasil urbano-industrial. **REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd**, v. 29, p. 1-17, 2006.

PROJETO NOVO VESTIBULAR. **Regimento Interno**. Fortaleza, Ceará, 2022.

SERRANO, Marianna Di Giovanni Pinheiro. **Cursinhos populares no Brasil: experiência e educação popular na perspectiva da luta de classes**. 2020.

SILVA, Mirian. Formação em ação: O ensino de Biologia nos cursos pré-vestibulares comunitários. In: Encontro Nacional de Ensino de Biologia, II., 2007, [S.L]. **Anal II ENEBIO**, 2007.

SIQUEIRA, Clarice *et. al.* Educação Popular como caminho metodológico para a prática de ensino de Ciências e Biologia. In: Encontro Nacional de Ensino de Biologia, II, 2007, [S.L.] **Anal, II ENEBIO**, 2007.

ZAGO, Nadir. Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas. **Perspectiva**, [S.L.], v. 26, n. 1, p. 149-174, 22 abr. 2009. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795x.2008v26n1p149>.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Estimado(a) Professor(a), você está sendo convidado pelo Professor Doutor José Roberto Feitosa Silva (Departamento de Biologia da UFC), orientador do estudante (nome do estudante), do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFC, a participar como voluntário de uma pesquisa que resultará em um Trabalho de Conclusão de Curso do estudante.

Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Destacamos que você poderá, a qualquer momento, se recusar a continuar participando da pesquisa e, também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Informamos que não há nenhum tipo de pagamento para a participação do voluntário.

Garantimos que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Atestamos o nosso compromisso como pesquisador de utilizar os dados e/ou material coletado somente para esta pesquisa.

OBJETIVO DA PESQUISA: O objetivo dessa pesquisa é (objetivo da pesquisa)

PROCEDIMENTOS DESENVOLVIDOS NA PESQUISA: O procedimento da pesquisa consistirá em responder perguntas relacionadas ao tema. Os resultados estarão à sua disposição quando a pesquisa for finalizada.

INFORMAÇÕES SOBRE SIGILO E ANONIMATO

Garantimos que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Você não será identificado em nenhuma publicação.

Caso necessite esclarecer dúvidas referentes à pesquisa, é possível entrar em contato com o responsável (nome do responsável) através dos seguintes contatos:

Email: xxxxxxxxxx@gmail.com; Telefone: (xx)xxxxxxxx

Ao marcar a opção "aceito" você atesta que concordou com a participação como voluntário(a) desta pesquisa, e que foi devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre o objetivo desta pesquisa, que leu os procedimentos nela envolvidos, bem como os possíveis benefícios decorrentes da sua participação e, ainda, que esclareceu todas as suas dúvidas. Aceita também que foi garantida a sua possibilidade de recusar e retirar sua participação a qualquer momento sem que isso cause qualquer tipo de prejuízo, penalidade ou responsabilidade. Que ficou claro que sua participação é isenta de despesas e remuneração. Será considerado também que você autorizou a divulgação dos dados obtidos neste estudo mantendo total sigilo à sua identidade.

O questionário será exibido após você confirmar que aceita participar da pesquisa.

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos e, após esse tempo, serão destruídos. Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

O _____ **abaixo** _____ **assinado**
_____, portador do RG nº _____
declara **que é de livre e espontânea vontade que está participando como voluntário da pesquisa.**

Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma cópia assinada deste termo.

Fortaleza, ____ de _____ de _____

Assinatura do voluntário:

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
(Pesquisador Responsável)

ANEXO B – REGIMENTO INTERNO DO PROJETO NOVO VESTIBULAR (2023)

REGIMENTO INTERNO PROJETO NOVO VESTIBULAR

TÍTULO I

PRINCÍPIOS

ART.1º – O Projeto Novo Vestibular – PNV – é um Projeto de Extensão da Universidade Federal do Ceará – UFC – criado e organizado, inicialmente, pelo Centro Acadêmico Frei Tito de Alencar – CAFTA – do curso de História da UFC, sob o código HI00.2000.CI.0182.

ART.2º – O objetivo principal do PNV é a democratização do ensino por meio da realização das seguintes diretrizes:

§1º – Ser um espaço coletivo de discussão e reflexão das questões educacionais, políticas, econômicas, sociais, tecnológicas, ambientais e culturais, contribuindo para uma formação cidadã de todos(as) os(as) envolvidos(as) no Projeto;

§2º – Preparar para o ingresso no nível superior estudantes oriundos(as) da rede pública de ensino e bolsistas integrais do ensino privado; e, em caso de vagas ociosas, alunos oriundos da rede particular de ensino;

§3º – Ser um espaço para preparação de estudantes dos cursos de graduação da UFC, enquanto trabalhadores da educação/educadores, para o mercado de trabalho e para uma intervenção crítica e cidadã comprometidos com a justiça social.

TÍTULO VII

DAS FORMAÇÕES

ART.16º – As formações ocorrerão bimestralmente em um espaço exclusivo para tal fim. Facultativamente, elas acontecerão nos fóruns. Sua organização é de responsabilidade do coordenador pedagógico e da comissão pedagógica.

ART.17º – É obrigatória a participação em atividades de formação político-pedagógicas para todo o corpo de bolsistas. A falta em atividades de formação contará como uma falta de fórum, caso não seja apresentada justificativa documentada.

TÍTULO VIII

DA COORDENAÇÃO

ART. 18º – A coordenação do PNV é responsável pela administração organizacional, patrimonial, psicopedagógica e logística do projeto.

ART.19º – A coordenação do PNV tem a atribuição de articular o processo de matrícula de novos(as) alunos(as), aulas, jornada cultural e atividades correlatas.

ART.20º – A coordenação é composta por um(a) professor(a) do Departamento de História, por um(a) alunos(as) do curso de História, dois alunos(as) do curso de Pedagogia, um(a) aluno(a) do curso de Biblioteconomia ou de Ciências Humanas/Linguagens da UFC, um(a) aluno(a) do curso de Psicologia e um(a) aluno(a) do curso de Ciências Contábeis ou um (a) aluno(a) do curso de Administração, todos(as) regularmente matriculados(as) e que estejam, efetivamente, cursando as disciplinas do seu curso.

ART.21º – A coordenação é composta dos seguintes cargos:

- I.** Professor Coordenador;
- II.** Coordenação Articuladora;
- III.** Coordenação Pedagógica;
- IV.** Coordenação Bibliotecária;
- V.** Coordenação de Psicologia;
- VI.** Coordenação Logístico-Administrativa.

§1º – O(a) professor(a) coordenador(a) é indicado(a) pelo Departamento de História, prioritariamente o chefe de Departamento, ou outro professor a partir de debate no Colegiado em conjunto com o PNV.

§2º – O(a) coordenador(a) previsto(a) no inciso II deverá ser aluno(a) do curso de História da UFC.

§3º – O(a) coordenador(a) previsto(a) no inciso III deverá ser aluno(a) do curso de Pedagogia da UFC.

§4º – O(a) coordenador(a) previsto(a) no inciso IV deverá ser aluno(a) do curso de Biblioteconomia da UFC, na ausência deste sendo da área de Ciências Humanas/Linguagens da UFC, mas a prioridade são para os alunos do curso de Biblioteconomia da UFC. Quando não houver coordenador(a), serão chamados voluntários a partir de processo debatido em fórum.

§5º – O(a) coordenador(a) previsto(a) no inciso V deverá ser aluno(a) do curso de Psicologia da UFC.

§6º – O(a) coordenador(a) previsto(a) no inciso VII deverá ser aluno(a) do curso de Ciências Contábeis ou Administração da UFC.

ART. 24º - são funções do(a) coordenador(a) articulador(a)

- I.** Controlar e organizar documentos e pastas de alunos(as), bolsistas e do projeto;
- II.** Fazer as atas das reuniões da coordenação e dos fóruns;
- III.** Arquivar atestados, expedir ofícios e declarações;
- IV.** Controlar as faltas dos(as) bolsistas e alunos(as);
- V.** Fazer a convocação dos(as) integrantes dos fóruns, quando isto se fizer necessário;
- VI.** Buscar mecanismos de acompanhar o resultado dos(as) alunos(as) do Projeto nos vestibulares das universidades públicas do estado
- VII.** Disponibilizar cópias do regimento interno para alunos(as) e bolsistas;
- VIII.** Fazer a articulação entre o corpo docente/discente e a coordenação do projeto;
- IX.** Acompanhar o colegiado do Departamento de História na vaga do PNV enquanto representante discente do curso de História;
- X.** Promover reuniões com os(as) representantes de turma;
- XI.** Criar e coordenar mecanismos de integração do PNV com a universidade e com a comunidade;
- XII.** Coordenar a elaboração de circulares, boletins informativos e similares;
- XIII.** Orientar o processo de carteiras de estudantes;
- XIV.** Acompanhar o vínculo dos(as) bolsistas com a UFC e controlar o tempo de permanência dos(as) mesmos (as) no projeto;
- XV.** Coordenar a comissão articuladora.

ART. 25º - são funções do(a) coordenador(a) pedagógico(a)

- I. Assessorar pedagógica, didática e metodologicamente os(as) professores(as) do PNV;
- II. Acompanhar o processo de seleção e avaliação dos(as) bolsistas;
- III. Auxiliar na definição dos programas das disciplinas e fiscalizar o cumprimento dos mesmos, solicitando que seja entregue, no início do semestre, duas semanas antes do início das aulas;
- IV. Planejar e organizar os calendários e horários de aulas e demais programações (Jornada cultural, simulados, seleções)
- V. Coordenar o funcionamento da Comissão Pedagógica;
- VI. Divulgar previamente as dinâmicas das seleções no início de cada semestre;
- VII. Acompanhar a elaboração, organização e entrega do material didático dos(as) alunos(as);
- VIII. Acompanhar a frequência e a evasão dos(as) alunos(as) junto aos professores diretores de turma;

ART. 26º – São funções do(a) coordenador(a) psicólogo(a):

- I. Realizar encontros com o corpo discente;
- II. Promover serviço de orientação profissional;
- III. Realizar uma escuta qualificada e orientar para os locais adequados os membros do corpo discente e/ou de bolsistas quando houver demanda;
- IV. Organizar espaços de discussões tais como: palestras, debates, discussões de filmes, dentre outras atividades;
- V. Participar da comissão Pedagógica, assessorando o acompanhamento pedagógico do corpo discente e docente;
- VI. Realizar, em conjunto com a coordenação Pedagógica, encontros periódicos com o corpo de bolsistas;
- VII. Divulgar para a área, previamente, as dinâmicas das seleções, com no mínimo 24 horas de antecedência;

ART. 28º – São funções do(a) coordenador(a) logístico(a):

- I. Em caso de movimentação financeira; coordenar e controlar tais recursos;
- II. Prestar contas mensalmente em fórum e disponibilizar planilha com essas informações internamente;
- III. Fazer o planejamento orçamentário;

- IV.** Elaboração e apresentação semestral da planilha orçamentária anual do projeto aos seus membros;
- V.** Responsabilizar-se pela aquisição e estoque do material de expediente necessário para o bom funcionamento do projeto e disponibilizar recursos para a compra de material de expediente necessário para o bom funcionamento diário do PNV;
- VI.** Tomar medidas para a manutenção da infraestrutura do projeto;
- VII.** Fazer o levantamento do patrimônio do Projeto e avaliar a necessidade de novas aquisições e material de descarte.

TÍTULO IX

DO CORPO DOCENTE

ART. 29º – Os(as) professores(as) devem desenvolver as seguintes atividades no Projeto:

- I.** Ministras aulas nos plantões semanais;
- II.** Participar das comissões;
- III.** Executar atividades aos sábados, pelo menos 2 vezes por semestre;
- IV.** Realizar aulas temáticas, cursos básicos e aulas de campo;
- V.** Preparar material didático;
- VI.** Elaborar questões para o simulado;
- VII.** Elaborar atividades de divulgação;
- VIII.** Cumprir plantões extraordinários (inscrições e matrículas);
- IX.** Todo(a) professor(a) deve apresentar um projeto de ensino semestral de suas atividades desenvolvidas dentro do PNV no primeiro fórum do semestre.

TÍTULO XII

DO CORPO DISCENTE REQUISITOS, PERMANÊNCIA, DESTITUIÇÃO E REPRESENTANTES DE TURMA

ART. 42º – Para ser aluno(a) do PNV, o(a) candidato(a) deve:

I. Ser oriundo da rede pública de ensino ou bolsista integral de escola particular em todo o ensino médio. No prazo regular de matrículas, a prioridade será dada a esses alunos, entretanto, havendo vagas remanescentes, poderão ser preenchidas por alunos da rede particular de ensino.

ART. 43º – O direito adquirido pela matrícula é individual e intransferível.

§1º – Os(as) alunos(as) veteranos(as) do PNV que queiram permanecer no projeto por mais um ano letivo, de acordo com o artigo anterior, devem submeter-se a uma nova matrícula.

§2º – Os(as) alunos(as) veteranos só poderão reinscrever-se e matricular-se para mais um ano no projeto se estiverem em dia com a Biblioteca Semente.

§3º – Os(as) alunos(as) do PNV têm direito à carteira de estudante.

ART. 44º – Caso o(a) aluno(a) necessite mudar de turma, deve procurar a coordenação para solicitar a sua transferência.

I. A troca é permitida caso haja um(a) aluno(a) na sala solicitada que possa trocar sua vaga com o(a) requerente;

II. A troca é permitida caso o(a) aluno sinta-se perseguido(a) em sua turma de origem ou tendo sua aprendizagem comprometida;

III. Não é permitido ao(à) aluno(a) assistir aula em outra turma sem fazer a alteração junto à coordenação. A alteração será registrada no Diário da Coordenação.

ART. 45º – Os(as) representantes de sala deverão ser escolhidos(as) mediante eleição semestral em cada classe, não havendo qualquer tipo de hierarquia entre os(as) dois(duas) escolhidos(as) pela turma.

ART. 47º – Poderão ser concedidos gratuitamente os módulos didáticos a estudantes do PNV a partir de discussão em fórum de acordo com as condições financeiras e organizativas do projeto, sendo o número de concessões condicionadas por essa discussão. Caso haja disponibilidade, haverá seleção com base em critérios socioeconômicos organizados pela coordenação de Psicologia.